

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Curso de Especialização em Gramática da Língua Portuguesa: Reflexão e Ensino**

**RUDINELE VILELA BATISTA**

**O SUJEITO E O PREDICADO NAS GRAMÁTICAS  
TRADICIONAIS, NO LIVRO DIDÁTICO E NA APRENDIZAGEM  
LINGUÍSTICA ATIVA**

Belo Horizonte - MG

2019

RUDINELE VILELA BATISTTA

**O SUJEITO E O PREDICADO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS, NO  
LIVRO DIDÁTICO E NA APRENDIZAGEM LINGUÍSTICA ATIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gramática da Língua Portuguesa: Reflexão e Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de especialização em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Eloisa Nascimento Silva Pilati

Belo Horizonte - MG

2019



Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M425m Batista, Rudinele Vilela.  
O sujeito e o predicado nas gramáticas tradicionais, no livro didático e na aprendizagem linguística ativa [manuscrito] / Rudinele Vilela Batista. – 2019.  
69 f., enc.,  
  
Orientadora: Eloisa Nascimento Silva Pilati.  
  
Área de concentração: Gramática e Ensino.  
  
Linha de pesquisa: Linguística.  
  
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
  
Bibliografia: f. 68-69.

1. Língua portuguesa - gramática. I. Batista, Rudinele Vilela. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de

CDD: 469.5



Universidade Federal de Minas Gerais  
 Faculdade de Letras  
 Curso de Especialização em Gramática e Ensino

ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Nome do aluno: RUDINEZE BATISTA

Às 15:00 horas do dia 25 de junho de 2019, reuniu-se na Faculdade de Letras da UFMG a Comissão Examinadora indicada pela coordenação do Curso de Especialização em Gramática e Ensino: Teoria Gramatical e Abordagens Contemporâneas para julgar, em exame final, o trabalho intitulado

O CURIÓTIPO E O PRECISO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

requisito final para obtenção do Grau de Especialista em Gramática e Ensino. Abrindo a sessão, a banca, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passaram a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

O(A) Prof(a). LORENO VITAL indicou a APROVAÇÃO do candidato;

O(A) Prof(a). MAYARA NISOLAN indicou a APROVAÇÃO do candidato;

Pelas indicações, o candidato foi considerado APROVAÇÃO.

Belo Horizonte, 25 de junho de 2019.

*Prof. Loreno Vital*  
*Prof. Mayara Nisolana*

**17 217 9854 0026 - 621**

Universidade Federal de Minas Gerais  
 Faculdade de Letras da UFMG  
 Curso de Especialização em Gramática e Ensino  
 Comissão Examinadora - CERF: 31 770-901  
 Belo Horizonte - MG

Obs: Este documento não terá validade sem

3017653467

*A Bento e a Tomé, minha riqueza maior.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha esposa, Priscilla Vince Vilela, pelo apoio, aos professores pelos ensinamentos e, em especial, à minha orientadora, pela dedicação e inspiração.



Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

Este trabalho tem dois objetivos principais: o primeiro é o de investigar, apresentar e discutir de que forma as gramáticas tradicionais e livros didáticos abordam os conceitos de sujeito e de predicado estabelecendo também comparações entre os conceitos apresentados nessas obras com conceitos para sujeito e predicado apresentados em propostas linguísticas mais recentes (Cf. CHOMSKY: 1986; DUARTE: 2007); o segundo é o de elaborar uma sequência didática que proponha o ensino da estrutura oracional com base na Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa proposta por Pilati (2017). As obras consultadas para revisão e análise do sujeito e predicado na perspectiva tradicional foram Cunha e Cintra (2013), Bechara (2009) e Almeida (2005); e o livro didático de Língua Portuguesa (Vol. 1) – Gramática (s/d) do Sistema Objetivo de Ensino, elaborado pela equipe de professores do Curso e Colégio Objetivo. A metodologia empregada foi a de revisão bibliográfica e análise das formas como as gramáticas tradicionais apresentam as noções de sujeito e predicado, a análise da proposta de abordagem da oração na Aprendizagem Linguística Ativa e a elaboração de sequência didática para o ensino da estrutura do enunciado. Os resultados obtidos foram os seguintes: a) em relação às gramáticas tradicionais, exceção de Evanildo Bechara, que pretende uma abordagem mais funcionalista da oração e de seus termos, a definição de sujeito “como o ser sobre o qual se declara algo” e de predicado “como tudo aquilo que se declara do sujeito” é preponderante, o que demonstra a supervalorização do critério semântico em detrimento do categorial; b) no que se refere ao material didático consultado, chegou-se à conclusão de que essa abordagem tradicional da oração obteve ressonância do livro didático avaliado; c) quanto aos estudos linguísticos, observou-se a



opção por iniciar os estudos da formação da oração levando em consideração o papel do verbo, como núcleo predicador da oração, e do sujeito e complementos como elementos selecionados pelo verbo tanto categorialmente, quanto tematicamente (Cf. Chomsky 1986). Quanto à proposta elaborada por Pilati (2007), sobre a abordagem da estrutura sintática da oração, chegou-se à opção de apresentar o enunciado como um fenômeno da sintaxe da língua a partir de métodos da aprendizagem ativa a fim de contribuir para a análise consciente da oração, porquanto o ensino passa a ser visto como uma tarefa de construção científica que leva em consideração o saber dado pelo aluno para a construção de sua competência comunicativa. Por fim, propôs-se uma sequência didática com o intuito de abordar a estrutura da oração sob a perspectiva da aprendizagem ativa (Cf. Pilati 2017) para, assim, contribuir para a renovação das aulas de gramática.

Palavras-chave: Sujeito; Predicado; Gramática; Livro didático; Aprendizagem ativa.



## **ABSTRACT**

This work has two main objectives: the first is to investigate, present and discuss how traditional grammars and textbooks approach the concepts of subject and predicate and also establish comparisons between the concepts presented in these works with concepts for subject and predicate presented in more recent linguistic proposals; the second is to develop a didactic sequence that proposes the teaching of the orational structure based on the Methodology of Active Linguistic Learning proposed by Pilati (2017).

Keywords: “Subject”; “Predicate”; “Grammar”; “Textbook”; “Active learning”.

## **LISTA DE QUADROS**

|  |    |
|--|----|
| QUADRO 1 – Síntese das definições apresentadas nas obras analisadas..... | 49 |
|--|----|

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>1. O SUJEITO E O PREDICADO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E NO LIVRO DIDÁTICO.....</b>                                 | <b>11</b> |
| <b>1.1. Celso Cunha e Lindley Cintra.....</b>  | <b>11</b> |
| <b>1.2. Evanildo Bechara.....</b>  | <b>25</b> |
| <b>1.3. Napoleão Mendes de Almeida.....</b>  | <b>30</b> |
| <b>1.4. A oração no livro didático.....</b>  | <b>41</b> |
| <b>1.5. Análise e comparação entre gramáticas e livro didático.....</b>  | <b>48</b> |
| <b>2. O SUJEITO E O PREDICADO SOB A ÓTICA DA APRENDIZAGEM LINGUÍSTICA ATIVA.....</b>                                   | <b>51</b> |
| <b>2.1. Ciência e ensino de gramática: contribuições da linguística para a compreensão da formação da oração .....</b> | <b>51</b> |
| <b>2.2. Pressupostos da Aprendizagem Ativa: a Teoria Gerativa .....</b>  | <b>53</b> |
| <b>2.3. Pressupostos da Abordagem Linguística Ativa .....</b>  | <b>55</b> |
| <b>2.4. Proposta alternativa para abordar a formação da oração na educação básica .....</b>                            | <b>58</b> |
| <b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>66</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>68</b> |

## INTRODUÇÃO

O aprendizado do indivíduo no séc. XXI levanta questões e desafios ao educador. Diferentemente da visão tradicional, pela qual a educação era vista como um fenômeno que se reduzia a simples transmissão de saberes como algo novo, educar hoje significa certificar-se de que o educando seja capaz de utilizar o conhecimento adquirido como uma bússola confiável em meio a mundo volátil e incerto que se abre e que não recompensa aquele que sabe, mas aquele usa o que sabe diante de problemas complexos (FADEL, BIALIK & TRILLING, 2015: 14).

O meta-aprendizado, destarte, propõe-se como alternativa a esse desafio, uma vez que busca promover um processo de aprendizado pelo qual se construa formas de balanceamento entre conhecimento e compreensão de conteúdos, isto é, um processo em que aprendizado se faça autorreflexivo e que pense a si mesmo. (FADEL&BIALIK&TRILLING, 2015: 133) No que tange ao ensino da Língua Portuguesa, os PCNs reconhecem que a centralização na atividade epilinguística, ou seja, na reflexão sobre a língua em situações reais de produção e interpretação, é imprescindível para o aprimoramento e tomada de consciência da própria produção linguística (1997: 31).

No entanto, na tarefa diária do ensino da língua, os docentes defrontam-se com abordagens gramaticais que se mostram complexas, exuberantes, no que toca à nomenclatura, e, muitas vezes, imprecisas. No estudo do sujeito e do predicado como termos essenciais da oração, “a tripartição dos termos da oração em “essenciais”, “integrantes” e “acessórios” se mostra dificultosa para a real compreensão da relação entre os constituintes da oração” (DUARTE, 2007: 184), porquanto tais definições apresentam imprecisões não de ordem estrutural, mas também de ordem conceitual, o que se intensifica, sobretudo, pela mistura dos critérios semântico e sintático.

A proposta da abordagem gerativista, que se baseia nas hipóteses originalmente formuladas por Noam Chomsky (1981), pretende a conscientização da língua como um fenômeno que se dá a partir de um sistema linguístico, cuja aquisição ocorre de forma natural, pelo fato de a habilidade de aprender uma língua ser uma Faculdade inata, típica da espécie.

Pelo fato de se partir do pressuposto de que o conhecimento linguístico faz parte do dote biológico da espécie, o ensino de gramática deve-se afastar da mera rotulação dos elementos da oração, isto é, da mera transmissão de conceitos para apresentar a língua como

algo imanente à vivência humana. O ponto de partida para essa conscientização está, portanto, nas próprias informações que educando possui, enquanto sujeito ativo capaz de construir ferramentas para a descoberta e uso das informações adquiridas.

Assim, para contribuir com o ensino da oração, a partir da noção de criatividade prevista pela Teoria Gerativa, segundo a qual os seres humanos são capazes de usar a língua a partir de uma estrutura que permite combinações infinitas e da Aprendizagem Linguística Ativa em que o conhecimento linguístico prévio deve ser levado em conta no ensino de gramática, este trabalho propõe a análise da exposição dos termos da oração (sujeito e predicado) de três gramáticas tradicionais de autores renomados: Cunha & Cintra (2013), Almeida (2005) e Bechara (2009) e do livro didático de *Gramática* do Sistema Objetivo de Ensino (s/d), elaborado pela que equipe de professores dessa instituição.

Constatamos que, na abordagem desses termos, os autores priorizam o critério conceitual semântico. Mesmo em Bechara (2009), que se propõe certa análise argumental do verbo como predicador, ou como núcleo da oração, ou em Cunha & Cintra, que, paralelamente à abordagem semântica tradicional, expõe brevemente a abordagem sintagmal da oração, há a priorização do critério semântico para a definição de sujeito e predicado, não levando em consideração as informações do verbo como elemento central para o entendimento da estrutura da oração.

Destarte, primeiro capítulo apresenta como os tais gramáticos renomados e o livro didático selecionado expõem as noções de sujeito e predicado visando um estudo comparativo com intuito de identificar a modo como ressoa no livro didático analisado a visão tradicional destes termos e, por conseguinte, na sala de aula. Para tanto, criou-se um quadro para melhor se apontar semelhanças e diferenças.

O segundo capítulo tem por finalidade apresentar o método da Aprendizagem Linguística Ativa (Pilati 2017) como alternativa para sanar as dificuldades que a abordagem de sujeito e predicado, a partir da gramática tradicional, impõem ao educador. O objetivo é contribuir para uma nova abordagem da oração nas aulas de gramática de modo a romper com o ensino que prioriza a memorização e a mera reprodução de conceitos.

Pilati (2017: 105) considera que, para o aluno compreender profunda e conscientemente seus conhecimentos gramaticais, ele deve ser estimulado a refletir sobre o assunto abordado tal como os especialistas o fazem. É necessário, por conseguinte, identificar

padrões, isto é, identificar “a arquitetura invisível por trás do sistema”. As línguas, como resultado de uma habilidade inata, possuem propriedades comuns que devem ser consideradas juntamente com a experiência linguística do educando.

Por fim, com o intuito de tornar as aulas de gramática mais significativas, montou-se uma sequência didática, composta por seis etapas de modo a promover a aprendizagem efetiva, que possibilite ao aluno a aplicação de conhecimentos em contextos variados de uso. A primeira etapa destina-se ao reconhecimento prévio do aluno sobre as noções de sujeito e de predicado; a segunda propõe a abordagem da estrutura da oração por meio de maquetes para permitir aos educandos a representação das estruturas sintáticas em materiais concretos; a terceira destina-se à reflexão sobre os fenômenos linguísticos concernentes ao sujeito e ao predicado; a quarta etapa promove a síntese das descobertas feitas pelos alunos; a quinta propõe a produção textual para que o aluno utilize de forma consciente os conhecimentos linguísticos adquiridos; e, por fim, a sexta etapa oferece ao educando a possibilidade de aplicar os conhecimentos de sujeito e predicado a partir do texto, como uma forma de compreensão destes fenômenos linguísticos em situações reais de uso.



## CAPÍTULO 1

### 1. O SUJEITO E O PREDICADO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E NO LIVRO DIDÁTICO

Este capítulo apresenta o modo como as gramáticas tradicionais e o livro didático abordam as noções de sujeito e de predicado. As três primeiras seções visam expor como gramáticos renomados – Cunha e Cintra (2013), Bechara (2009) e Almeida (2005) – apresentam tais termos da oração. A quarta seção analisa o livro didático *Língua Portuguesa – Gramática* (vol.1) (s/d), do Sistema de Ensino Objetivo, elaborado pela equipe de professores do Curso e Colégio Objetivo. A quinta seção propõe a comparação entre os conceitos apresentados nas gramáticas e no livro didático.

#### 1.1. Celso Cunha e Lindley Cintra

No capítulo sétimo de sua *Nova Gramática do português Contemporâneo*, intitulado “Frase, oração e período”, Cunha e Cintra (2013), antes de apresentarem os conceitos de sujeito e predicado, propõem as definições de frase, oração e período. Na primeira seção “A frase e sua constituição”, os autores definem a frase como “um enunciado de sentido completo, unidade mínima de comunicação (2013: 133). Além disso, pontuam que denomina-se sintaxe a parte da gramática que trata da descrição das regras segundo as quais as palavras se combinam. Segundo Cunha e Cintra (2013: 133), a frase pode ser constituída:

1º) de uma só palavra:

**“Fogo! Atenção! Silêncio!”**

2º) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não verbo:

a) Com verbo:

Alguns anos **vivi** em Itabira.

(C. Drummond de Andrade, *R*, 45.)

b) sem verbo:

**Que inocência! Que aurora! Que alegria!**  
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

A frase pode vir acompanhada de uma entoação, um encadeamento melódico, que, sobretudo nas frases organizadas com verbo, marca o término do enunciado.

Os gramáticos salientam que “o estudo da frase e o da organização dos elementos que a constituem pressupõem o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir” (2013: 134). Essa observação justificaria o fato de os autores tangenciarem discussões teóricas, que, a seu ver, não almejam o propósito central de sua obra: o estudo descritivo-normativo da sintaxe portuguesa.

No tópico seguinte, “Frase e oração”, os autores afirmam que

A FRASE pode conter uma ou mais orações.

1º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) Uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia **decorreu** sem sobressalto.

(J. Paço d’Arcos, *CVL*, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa.

(J. Montello, *A*, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma locução verbal:

– **Podem vir** os dois...

(V. Nemésio, *MTC*, 446.)

Tudo de repente **entrou a viver** uma vida secreta de luz.

(Autran Dourado, *TA*, 13.)

2º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

**Fechei** os olhos,/ meu coração **doía**.

(Luandino Vieira, *NANV*, 75.)

**Busco**,/ **volto**,/ **abandono**,/ e **chamo** de novo.

(Bessa Luís, *AM*, 38.)

O Negrinho **começou a chorar**,/ enquanto os cavalos **iam pastando**.

(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 332.)

Os anos **são** degraus;/ a vida, a escada.

(F. de Castro, *ANE*, 73.)

Observação:

A LOCUÇÃO VERBAL é o conjunto formado de um verbo AUXILIAR + um verbo PRINCIPAL. Enquanto o último vem sempre numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO, GERÚNDIO, PARTICÍPIO), o primeiro pode vir:

a) Numa FORMA FINITA (INDICATIVO, IMPERATIVO, SUBJUNTIVO);

A viticultura **foi-se alargando** talvez a partir do terceiro século.

(A. Sérgio, E, *VIII*, 65.)

– **Vá deitar-se**,/ **vá coçar** as pulgas/ e **descansar**.

(G Ramos, *AOH*, 117.)

– Você crê deveras que/ **venhamos a ser** grandes homens?

(Machado de Assis, *OC*, I, 984.)

b) Numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO OU GERÚNDIO):

Ah, não **poder subir** na sombra

Como um ladrão que escala um muro!

(Ribeiro Couto, *PR*, 333.)

Doente, quase não **podendo andar**, fui ter com o Evaristo.

(A. Nobre, *CI*, 156.) (CUNHA & CINTRA, 2013:135)

Nota-se que na descrição acima não há uma definição precisa de oração, o que ilustra a observação dos autores segundo a qual o estudo da frase exige noções que nem sempre são fáceis de definir. Não obstante, a noção de frase pode ser deduzida pela presença do verbo na sentença.

Mais adiante, na seção “ORAÇÃO E PERÍODO”, apresenta-se o período como “a frase organizada em oração ou orações” (2013: 135). O período pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma só oração:

Cai o crepúsculo.

(Da Costa e Silva, *PC*, 281.)

Nunca mais recobrou por inteiro a saúde.

(A. Bessa Luís, *S*, 186.)

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais orações:

Não bulia uma folha,/ não cintilava um luzeiro.

(A. Ribeiro, *ES*, 211.)

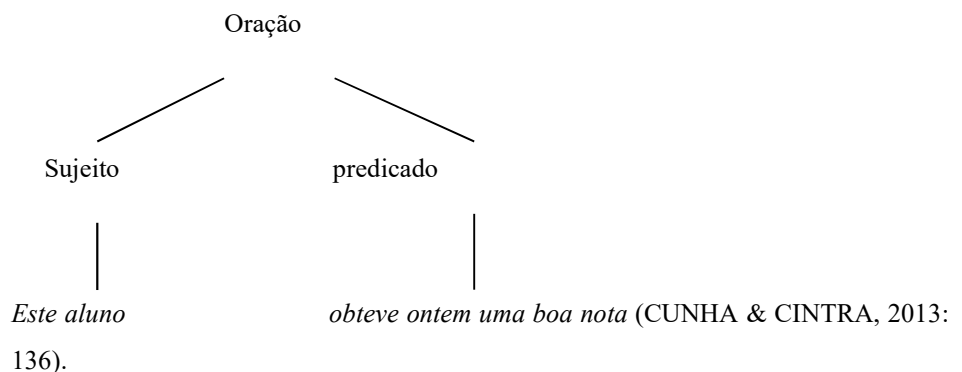
O Senhor tirou o cigarro,/ bateu-o na tampa da cigarreira,/ levou-o ao canto dos lábios,/ premiu a mola do isqueiro.

(J. Montello, *SC*, 173.)

Os gramáticos encerram a seção “ORAÇÃO E PERÍODO” ponderando que o término do período é marcado na escrita “com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos” (CUNHA & CINTRA, 2013: 136).

Desse modo, pode-se concluir que a oração é uma constituinte da frase, que, a partir do número de ocorrências da forma verbal, tem-se a classificação do período em simples ou composto. Não obstante, é de se observar que essa seção em análise, que antecede à seção que apresenta o sujeito e o predicado como termos essenciais da oração, não há uma conceituação clara da oração, o que gera uma imprecisão na definição de seus termos constituintes.

A seção seguinte “A ORAÇÃO E SEUS TERMOS ESSENCIAIS”, propõe-se a definição de sujeito e predicado como termos essenciais da oração. “O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do sujeito” (2013: 136). Os autores dão como exemplo a oração “Este aluno obteve ontem uma boa nota”, em que se tem



Os autores observam que

nem sempre SUJEITO E PREDICADO vêm materialmente expressos. Assim em

Andei léguas de sombra  
Dentro em meu pensamento.  
(F. Pessoa, *OP*, 59.)

o sujeito de *andei* é *eu*, indicado apenas pela desinência verbal.

Boa cidade, Santa Rita.  
(M. Palmério, *VC*, 298.)

é a forma verbal *é* que está subentendida.

Chama-se ELÍPTICA as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO estão ELÍPTICOS (CUNHA & CINTRA, 2013: 137).

Em meio a essa exposição tradicional dos elementos constituintes da oração, os autores intercalam as noções de sintagma nominal e de sintagma verbal. A partir dessa perspectiva,

1. Na oração:

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

distinguimos duas unidades maiores:

- a) o SUJEITO: *este aluno*;
- b) o PREDICADO: *obteve ontem uma boa nota*.

Examinando, porém, o SUJEITO, vemos que ele é formado de duas palavras:

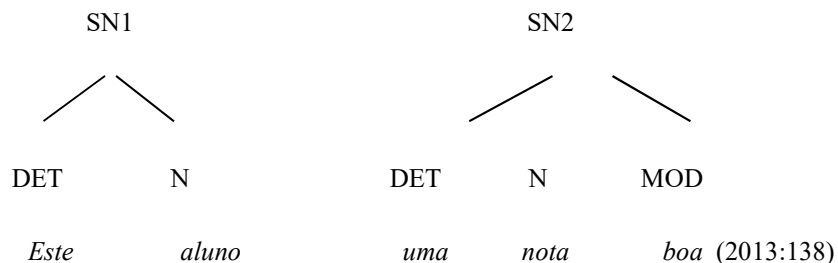
*Este aluno*

O demonstrativo *este* é um determinante (DET) do substantivo (N) *aluno*, palavra que constitui o NÚCLEO da unidade.

Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).

Assim, a oração em análise apresenta dois sintagmas nominais: *este aluno* (SN1) e *uma boa nota* (SN2). Segundo os autores, podem ocorrer muitos sintagmas nominais na oração. No entanto, somente um deles desempenhará a função de sujeito, que, na ordem lógica e direta do enunciado apresenta-se à esquerda do verbo. Os sintagmas nominais restantes encontram dentro do predicado. A observação subsequente ressalta que o substantivo, como núcleo do sintagma nominal, admite a presença de determinantes (artigos, numerais, pronomes adjetivos) e de modificadores (adjetivos ou expressões adjetivas), de modo que,

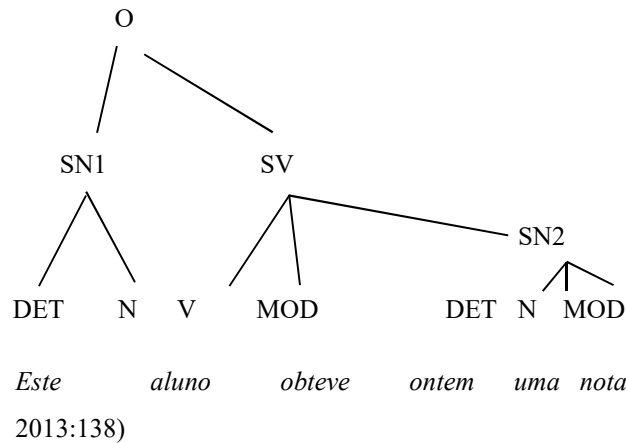
Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:



Já o predicado tem por constituinte o sintagma verbal (SV), marcado pela presença do verbo, que, quando for significativo ou nocional, funciona como seu núcleo.

O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbio ou expressões adverbiais (MOD).

A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:



Na seção seguinte intitulada “SUJEITO”, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* inicialmente expõe as possíveis representações do sujeito. Os sujeitos da 1ª e da 2ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular; *nós* e *vós* no plural. Já os sujeitos da 3ª pessoa merecem exposição mais pormenorizada:

Os SUJEITOS da 3ª pessoa podem ter como núcleo:

- a) um substantivo:

**Matilde** entendia disso.  
(A. Bessa Luís, *OM*, 170.)

Os **olhos** dela estavam secos.  
(Machado de Assis, *OC*, I, 495.)

- b) os pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural):

Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, ela ajeitava o chapéu.  
(E. Veríssimo, *LS*, 128.)

– Esperam que **eles** as tomem?  
(Alves Redol, *BC*, 333.)

- c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

**Isto** não lhe arrefece o ânimo?  
(A. Abelaira, *NC*, 35.)

Achava consolo nos livros, **que** o afastavam cada vez mais da vida.  
(E. Veríssimo, *LS*, 131.)

**Quem** disse isso?  
(F. Botelho, *X*, 150.)

**Tudo** parara ao redor de nós.  
(C. Lispector, *BF*, 81.)

- d) um numeral:

Os **dois** riram-se satisfeitos.  
(L. B. Honwana, *NMCT*, 65.)

**Ambos** alteraram os roteiros originais.

(N. Piñon, *FD*, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo,  
só o **existirdes** me consola.

(T. da Silveira, *PC*, 367.)

O **por fazer** é só com Deus.

(F. Pessoa, *OP*, 16.)

f) uma oração substantiva subjetiva:

Era forçoso / **que fosse assim**.

(A. Sérgio, *E*, *IV*, 245.)

Valeria a pena / **discutir com o Benício?**

(J. Montello, *SC*, 16.) (CUNHA & CINTRA, 2013: 139).

Em seguida aparece a seção “SUJEITO SIMPLES E SUJEITO COMPOSTO”.

O sujeito é simples se o verbo se referir a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, ou seja, quando o sujeito tem um só núcleo conforme os exemplos citados anteriormente. Já o sujeito composto é aquele que tem mais de um núcleo. Nesse caso o sujeito pode apresentar

a) mais de um substantivo:

As **vozes** e os **passos** aproximam-se.

(M. da Fonseca, *SV*, 248.)

**Pai** jovem, **mãe** jovem não deixam menino solto.

(G. Amado, *HMI*, 49.)

b) mais de um pronome:

**Ele** e **eu** somos da mesma raça.

(B. Mourão-Ferreira, *I*, 98.)

Não vivo sem a sua sombra, **você** e **eu** sabemos.

(N. Piñon, *CC*, 12.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração**.

(C. Drummond de Andrade, *R*, 148.)

Quantos **mortos** e **feridos** não me precederam ali.

(N. Piñon, *CC*, 16.)

d) mais de uma oração substantiva:

Era melhor **esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da Bolandeira**.

(G. Ramos, *VS*, 83.)

Dir-se-ia **que o pano do palco se havia levantado e que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras da peça.**

(J. Montello, *LE*, 108.) (CUNHA & CINTRA, 2013: 140-41)

Os autores terminam a apresentação de sujeito composto observando que outras combinações podem entrar em sua formação, sendo mais comum a de pronome com substantivo.

Na sequência, os gramáticos definem sujeito oculto como “aquele que não está materialmente expresso, mas pode ser identificado” (2013: 141). Tal identificação se faz

- a) pela desinência verbal:

Ficamos um bocado sem falar.

(L. B. Honwana, *NMCT*, 10.)

[O sujeito de *ficamos*, indicado pela desinência *-mos*, é *nós*.]

- b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

**Soropita** ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.

(Guimarães Rosa, *CB*, II, 467.)

[O sujeito de *viera*, *dormira* e *retornava* é *Soropita*, mencionado na primeira na primeira oração, antes de *viera*.]

**Guilhermina** bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas.

(C. de Oliveira, *CD*, 115.)

[O sujeito de *bocejou*, *iria adormecer* e *pôs-se a calcular* é *Guilhermina*, mencionado no primeiro período, antes de *bocejou*]

Observação:

Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência verbal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

O sujeito de *considero*, indicado pela desinência *-o*, é *eu*, também sujeito de *comunicar*, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Vejamos um caso similar, com o verbo na forma finita:

Hoje, à tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a chegada de João, estirei-me no sofá e adormeci.

*Eu*, sujeito de *estirei-me* e *adormeci*, é também o sujeito de *esperava*, forma verbal finita sem desinência pessoal. (CUNHA & CINTRA, 2013: 142)

Com esta observação, os autores fecham o tópico de exposição dos tipos determinados de sujeito, avançando para caracterização do sujeito indeterminado. Este se dá, segundo os autores, quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada, “ou por não ser possível



conhecer quem executa a ação, ou simplesmente por não haver interesse em seu conhecimento” (2013: 142).

Nestes casos, o verbo vem

- a) ou na terceira pessoa do plural:  
– **Contaram-me**, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.  
(A. Ribeiro, *SBAM*, 265.)

**Reputavam-no** o maior comilão da cidade.  
(C. dos Anjos, *MS*, 44.)

- b) ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome *se*:  
Ainda **se vivia** num mundo de certezas.  
(A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

**Precisa-se** do carvalho; não **se precisa** do caniço.  
(C. dos Anjos, *MS*, 381.)

**Comia-se** com a boca, com os olhos, com o nariz.  
(Machado de Assis, *OC*, I, 520.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período:

Na casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.  
(A. M. Machado, *JT*, 13.) (CUNHA & CINTRA, 2013: 143)

A seção posterior traz o tópico “ORAÇÃO SEM SUJEITO”. Os gramáticos iniciam-no salientando que não se deve confundir o sujeito indeterminado, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito. Em oração como “Chove”, “Anoitece” e “Faz frio” o que interessa é o processo verbal em si, no qual não atribuição a nenhum ser. Nesse caso, trata-se de verbo impessoal, pelo qual a oração se caracteriza por não ter sujeito. Os autores elencam os principais casos de inexistência do sujeito:

- a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

**Anoitecia** e tinham acabado de jantar.  
(É. Veríssimo, *LS*, 147.)

De volta, com a garrafa na mão, apenas **chuviscava**.  
(L. Jardim, *MP*, 49.)

**Amanheceu** a chover.  
(A. Botto, *AO*, 235.)

Era março e ainda **fazia frio**.  
(M. Torga, *NCM*, 120.)

- b) com verbo *haver* na acepção de “existir”:

Ainda **há** jasmims, ainda **há** rosas,  
Ainda **há** vilões e modinhas

Em certas ruas saudosas.  
(Ribeiro Couto, *PR*, 315.)

Na sala **havia** três quadros do pintor.  
(F. Namora, *DT*, 206.)

c) com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.  
(C. dos Anjos, *MS*, 327.)

**Faz** hoje oito dias que comecei.  
(A. Abelaria, *B*, 133.)

**Vai** para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo.  
(L. Bandeira, *PP*, II, 338.)

d) Com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

**Era** inverno na certa no alto do sertão.  
(J. Lins do Rego, *ME*, 57.)

**Era** por altura das lavouras.  
(A. Bessa Luís, *S*, 187.) (CUNHA & CINTRA, 2013:144)

Em seguida, os autores fazem observações sobre: 1) a concordância do verbo *ser* nas orações impessoais, em que o verbo concorda, neste caso, com o predicativo; 2) casos de impessoalidade em algumas locuções verbais, em que se tem como verbo principal *haver* no sentido de “existir”; 3) o uso do verbo *ter* como impessoal na linguagem coloquial do Brasil; e, por fim, 4) sobre o uso em sentido figurado de verbos que exprimem fenômenos da natureza, que, neste caso, apresentam sujeito.

Depois de expor a noção de oração impessoal, a *Nova Gramática* finaliza o tópico sobre sujeito com a seção “DA ATITUDE DO SUJEITO”. Nesse tópico, as atitudes do sujeito se correlacionam com o tipo do verbo. Com os verbos de ação, “a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade ou de atividade e passividade ao mesmo tempo” (2013: 145). Desse modo,

Neste exemplo,

**Maria** levantou o menino,

o sujeito *Maria* executa a ação expressa pela forma verbal *levantou*. O sujeito é, pois, o AGENTE.

Neste exemplo,

**O Menino** foi levantado por Maria,

a ação não é praticada pelo sujeito *menino*, mas pelo agente da passiva – *Maria*. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela o PACIENTE.

Neste exemplo,

**Maria** levantou-se,

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *Maria*. o sujeito é, então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

A observação sobre a exemplificação anterior apresenta a questão da voz verbal:

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO. Na voz passiva, o OBJETO (paciente) torna-se o SUJEITO do verbo (CUNHA & CINTRA, 2013: 146).

Com os verbos de estado, “a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade” (2013: 146). Neste caso, em frases como “**Pedro** é magro”, “**Antônio** permanece doente”, “**o porteiro** ficou pálido” o sujeito (em negrito) é apenas a “sede” do processo verbal, não assumindo o papel nem de agente nem de paciente.

A seção seguinte traz o outro termo essencial da oração: o predicado. Já em seu introito, os autores apresentam sua tipificação: “O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBO-NOMINAL” (2013:146). Os tipos de predicado serão apresentados nos tópicos subsequentes da *Nova Gramática*.

O tópico “PREDICADO NOMINAL” define este termo como formado por um verbo de ligação + predicativo, conceitos estes que serão apresentados na sequência. Assim, o verbo de ligação pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário **era** o herdeiro da quinta.

(C. de Oliveira, *CD*, 90.)

Eu **sou** a tua sombra.

(N. Piñon, *FD*, 38.)

## b) estado transitório:

O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.

(Castro Soromenho, *TM*, 236.)

– Você não **anda** um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?

(C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

## c) mudança de estado:

Receava que eu me **tornasse** ingrato.

(Abelaira, *NC*, 14.)

Amaro **ficou** muito perturbado.

(É. Veríssimo, *LS*, 137.)

## d) continuidade de estado:

Calada esta, calada **permaneceu**.

(J. Condé, *C*, 4.)

O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.

(F. Namora, *TJ*, 177.)

## e) aparência de estado:

Ela **parecia** uma figura de retrato.

(Autran Dourado, *TA*, 14.)

Os ventos **pareciam** quietos naquela noite.

(Alves Redol, *BC*, 62.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicado.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que representam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto.

Comparem-se por exemplo, estas frases:

Estavas triste.

Estavas em casa.

Andei muito preocupado.

Andei muito hoje.

Fiquei pesaroso.

Fiquei no meu posto.

Continuamos silenciosos. Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos *estar*, *andar*, *ficar* e *continuar* são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

O predicativo não recebe nenhuma definição clara. Há apenas a exposição das formas de como o predicativo pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

– O boato é um **vício** detestável.

(C. de Oliveira, *AC*, 183.)

Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio**.

(C. Lispector, *PSGH*, 12.)

b) por adjetivo ou locução adjetiva:

A praia estava **deserta**.

(Branquinho da Fonseca, *MS*, 11.)

– Esta linha é **de morte**.

(C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

c) por pronome:

Vou calar-me e fingir que eu sou **eu...**

(A. Renault, *LSL*, XVIII.)

O mito é o nada que é **tudo**.

(F. Pessoa, *OP*, 8.)

d) por numeral:

Nós éramos **cinco** e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo.

(C. Drummond de Andrade, *CA*, 5.)

Tua alma o um que são dois quando dois são **um...**

e) por oração substantiva predicativa:

A verdade é / **que eu nunca me ralara muito com isso**.

(M. J. de Carvalho, *AV*, 107.)

Uma tarefa fundamental é / **preservar a história humana**.

(N. Piñon, *FD*, 73.) (CUNHA & CINTRA, 2013: 148-9)

O tópico seguinte trata do predicado verbal como aquele que “tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um verbo significativo” (2013: 149). Com efeito, os gramáticos definem os verbos significativos como “aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito” (2013: 149). Eles podem ser intransitivos, cuja ação não vai além do verbo e transitivos, que exigem “certos termos para completar-lhes o significado” (2013: 150). Os verbos transitivos podem ser diretos, indiretos, ou diretos e indiretos ao mesmo tempo, de modo que

### 1. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Nestas orações de Agustina Bessa Luís,

**Vou ver o doente.**  
(OM, 206.)

**Ela invejava os homens.**  
(OM, 207.)

a ação expressa por *vou ver* e *invejava* transmite-se a outros elementos (*o doente* e *os homens*) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. São, por isso, chamados VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.

### 2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Nestes exemplos,

Da janela da cozinha, as mulheres **assistiam à cena.**  
(R. de Queirós, TR, 15.)

**Perdoem ao pobre tolo.**  
(C. dos Anjos, DR, 235.)

]

a ação expressa por *assistiam* e *perdoem* transita para outros elementos da oração (*a cena* e *o pobre tolo*) indiretamente, isto é, por meio da preposição *a*. Tais verbos são, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.

### 3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS

Nestes exemplos,

O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba.**  
(M. Torga, NCM, 51.)

Apenas **lhe aconselho prudência.**  
(C. de Oliveira, CD, 94.)

a ação expressa por *deu* e *aconselho* transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido (CUNHA & CINTRA, 2013: 150-1).

O tópico que encerra a seção “O PREDICADO” traz a noção de predicado verbo-nominal. Os autores começam-no salientando que não só os verbos de ligação se constroem com predicativo do sujeito, mas também os verbos significativos podem ser empregados com ele:

Nestes exemplos,

Paulo **riu despreocupado.**  
(A. Peixoto, RC, 191.)

Amélia **saiu da igreja, muito fatigada, muito pálida.**  
(Eça de Queirós, OC, I, 421.)

os verbos *rir* e *sair* são significativos. Na primeira oração, *despreocupado* refere-se ao sujeito *Paulo*, qualificando-o. Também *muito fatigada* e *muito pálida* são qualificações de *Amélia*, o sujeito da segunda oração. A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicado), dá-se o nome de VERBO-NOMINAL (CUNHA & CINTRA, 2013: 151).

Nota-se, portanto, que a definição de sujeito e predicado dada por Cunha & Cintra (2013), embora se apoie essencialmente em critério semântico, conforme visto na seção “a oração e seus termos essenciais”, promove uma imprecisão conceitual, uma vez que confunde critérios semânticos e sintáticos. Isso se dá, sobretudo, pelo fato de sujeito e predicado serem denominados termos essenciais da oração, sendo que, além de não haver uma definição precisa de oração, em meio à exposição dos tipos de sujeito, aparece o tópico “oração sem sujeito”, o que põe em contradição a definição tradicional. Como é possível prescindir de algo que é essencial?

## 1. 2. Napoleão Mendes de Almeida

No capítulo intitulado “Sintaxe”, de sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, Almeida (2005) apresenta noções gerais sobre “o estudo das palavras combinadas”. Segundo o autor, em geral, “uma palavra exerce, na oração, duas funções: uma *taxonômica*, outra, *sintática*” (2005: 406). A primeira diz respeito à função da palavra quanto à classe; a segunda, à função que a palavra exerce com relação a outros termos da oração. Com efeito, ao estudo da sintaxe, pondera o gramático, cabe observar: 1) as diversas relações que as palavras mantêm entre si na oração; 2) os “processos sintáticos”, isto é, os requisitos a que deve obedecer um termo “no referir-se a outro termo da oração” (concordância, regência e colocação dos termos na oração); 3) a análise do período gramatical bem como a concatenação que mantêm as orações para formar o período. Para o autor, “é esta a parte mais importante da sintaxe, para cuja compreensão muito importa o perfeito conhecimento das conjunções, quer coordenativas, quer subordinativas” (2005: 406). Por fim, completará o estudo da sintaxe o conhecimento de “certas particularidades” e a pontuação.

Na alínea seguinte, “Generalidades da Oração”, o autor define oração como “reunião de palavras ou a palavra com que manifestamos aos nossos semelhantes, de maneira

completa, um pensamento” (2005: 407). Prossegue o gramático esclarecendo que tal manifestação de pensamento acontece quando se diz “Vivo” ou “Estou com saúde”.

Na sequência, apresenta-se a distinção entre os tipos de orações:

- **Declarativa**, expositiva ou enunciativa é a que encerra mera informação, mera declaração. Exemplos:

Estudei a lição  
Não quero a sua vinda

a) Quando a oração declarativa encerra juízo positivo, chama-se **positiva**:

“Pedro é estudioso” – “Todos nós trabalhamos”.

b) A oração declarativa será **negativa** quando encerrar negação:

“Paulo *não* é estudioso” – “Nós *não* temos férias”  
– “*Nunca* ofendi o próximo” – “*Ninguém* viu o canário”.

Isto de ser *positiva* ou *negativa* aplica-se a qualquer espécie de oração.

- É **interrogativa** a oração que encerra pergunta: “Quem quebrou o copo?”. A oração interrogativa pode ser *direta* ou *indireta*.

a) É **interrogativa direta** quando a pergunta é expressa numa só oração, absoluta:

“Quem que o brinquedo?” – “Que faremos com o dinheiro?”  
– “Que faremos com o dinheiro?” – “Por que você não vai?”

b) É **interrogativa indireta** quando a oração de sentido interrogativa depende de um verbo principal que indique desconhecimento ou desejo de informação:

“Não sei *quem entrou*” – “Quero conhecer *quem fez isto*”

– “Diga-me se *ele já chegou*” – “*Quais eram esses sinais* quis saber o almirante” – “Gostaria de saber *por que você não vai*”.

- **Exclamativa** é a oração que exprime sentimento de admiração ou de surpresa:

“Quanta coisa certa ele disse!” – “Como é triste a morte do indigente!”  
– “Que miséria vai trazer esta guerra!”

- **Optativa** (do lat. *Optare* = desejar) é a oração que encerra desejo:

“Seja feliz” – “Bons olhos o vejam”.

**Imperativa** é a oração que, tendo o verbo no modo imperativo, geralmente encerra ordem:

“Suma-se daqui”.

A oração imperativa pode também indicar ou súplica ou pedido:

“Dê-me (o senhor) uma esmola” – “Dá-me (tu) um copo d’água”

– “Livrai-me, Senhor, de todo mal” – “Estude, meu filho” (ALMEIDA, 2005: 409).

No capítulo seguinte “Análise sintática”, o gramático expõe os termos da oração, que se classificam essenciais, integrantes e acessórios. Os termos essenciais da oração “são os elementos que ordinariamente concorrem para a formação da oração. São dois: *sujeito* e *predicado*” (2005: 410).

Na sequência, Almeida (2005) apresenta o conceito de sujeito:



se sujeito de um verbo é a *pessoa* ou *coisa* sobre a qual se faz alguma declaração, é evidente que o sujeito deve ser constituído de *substantivo*, pois a esta classe de palavras cabe nomear as *pessoas* e as *coisas*.

Pode no entanto, o sujeito deixar de ser constituído de substantivo *essencial*, isto é, de substantivo propriamente dito, para ser constituído de substantivo *virtual*, isto é, de palavra, frase ou oração, que tenha igual força de substantivo. Podem ainda, portanto, funcionar como sujeito:

- a) um *pronome*: “*Ele* é estudioso”
- b) qualquer *palavra substantivada*: “*Assaz* é advérbio” – “O *amanhecer* do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia”
- c) uma *frase de sentido incompleto*: “*Trabalho e honra* deve ser lema de todos nós”
- d) uma *oração*: “É bom que ele vá ao Rio” - verbo predicativo sujeito

Nota: Quando é representado por frase, o sujeito chama-se *fraseológico*, como acontece no exemplo da letra c. quando constituído de oração, chama-se *oracional*, como se vê na letra d. (ALMEIDA, 2005: 410).

Na sequência, apresenta-se um mecanismo para se “descobrir” o sujeito:

Suponha-se a oração “Pedro quebrou o disco”. – Para que se descubra o sujeito da oração, é bastante saber quem praticou a ação de quebrar, isto é, quem quebrou o disco, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque *que* ou *quem* antes do verbo:

*Quem quebrou o disco?*

Resposta: **Pedro.**

A resposta indica o sujeito da oração. Portanto o sujeito da oração é *Pedro*. (ALMEIDA, 2005: 411)

Na alínea seguinte, o autor apresenta a noção de sujeito acusativo, para apresentar casos excepcionais em que o pronome oblíquo desempenha a função de sujeito.

Embora, por regra, somente o pronome reto possa funcionar como sujeito, há contudo casos em que o pronome oblíquo desempenha essa função. Tal se dá em orações em que entram os verbos *deixar*, *fazer*, *mandar*, *ouvir*, *sentir* e *ver* quando esses verbos têm, como objetos, outros verbos no infinitivo:

|               |                |                |             |              |              |
|---------------|----------------|----------------|-------------|--------------|--------------|
| <u>O</u>      | <u>médico</u>  | <u>fê-</u>     | <u>LA</u>   | <u>andar</u> | <u>_____</u> |
| suj. de fazer | v. principal   | suj. de andar  | obj. de fez |              |              |
| Mandei-       | O              | entrar         |             |              |              |
| v. principal  | suj. de entrar | obj. de mandei |             |              |              |

(ALMEIDA, 2005: 412)

O autor salienta que, por norma gramatical e também por exigência lógica, “o sujeito não pode depender de nenhum termo da oração”, uma vez que

Pelo próprio de ser sujeito, e, por conseguinte, constituir aquilo de que se declara alguma coisa, o sujeito poderá ter complemento, mas não ser complemento. A construção: “É hora *do* almoço estar pronto” – violaria esse princípio, pois subordinaria o sujeito do verbo *estar* ao substantivo *hora*, como se dissesse: “É hora do almoço” – quando o que se pretende dizer não é isso e sim: “É hora *de* estar pronto

o almoço”.

Nessas razões se baseiam os bons escritores, quando evitam combinar a preposição com o sujeito do infinitivo.

Assim, não se dirá: “É tempo *do* menino estudar” – senão, separando-se a preposição *de* do sujeito: “É tempo *de* o menino estudar”.

A preposição, em exemplos como esse, rege, na realidade, o infinitivo e não o sujeito desse infinitivo: *É tempo de quê? – De estudar*. Daí um conselho muito justo, cuja prática evitará erros nessas construções: Colocar o sujeito de tais orações depois do infinitivo: “É tempo de estudar o menino a lição” (ALMEIDA, 2005: 413).

Em seguida, o gramático expõe a classificação do sujeito, que pode ser *simples*, *composto* e *indeterminado*:

O sujeito é **simples** quando representado por um só ente, ou por entes da mesma espécie, isto é, quando representado por um só nome no singular ou no plural.

O *livro* é bom” – “Os *livros* são bons”

O sujeito é **composto** quando representado por entes diversos, ou seja, por mais de um substantivo, ou por mais de uma palavra ou expressão substantivada: “O *livro* e o *lápiz* são bons” – “*Ser* ou *não ser* são coisas opostas”.

O sujeito é **indeterminado** quando de impossível identificação. Tal acontece em orações com verbos:

a) ativos, acidentalmente impessoalizados na 3ª do plural:

“Dizem que ele vem”.

b) acidentalmente impessoalizados na passiva:

“Precisa-se de um datilógrafo” – “Assim se vai aos céus”.

Notas: 1ª – sempre se entendeu por “sujeito gramatical” o verdadeiro sujeito, isto é, o sujeito despojado de todo e qualquer modificativo complementar que porventura tivesse (“A *casa* de Pedro ruiu”), e por “sujeito lógico”, ou “sujeito total”, o sujeito acompanhado de todos os modificativos complementares que lhe pertencessem: “A *casa de Pedro* ruiu”.

Em substituição ao nome “sujeito gramatical”, “objeto gramatical” procuraram introduzir o de “núcleo do sujeito”, “núcleo do objeto”, dando-se a entender por “núcleo” a palavra que realmente exerça a função sintática, seja ela qual for, que se considere, donde a definição de sujeito simples: “sujeito de um só núcleo”, e a de sujeito composto: “sujeito constituído de dois ou mais núcleos”. É nome inventado à revelia da nomenclatura oficializada o Brasil.

2ª – Se o aluno ouvir falar em sujeito *agente*, sujeito *paciente*, sujeito *oculto*, saiba entender o que isso significa:

O sujeito é **agente** quando pratica a ação verbal, o que se dá na voz ativa: “O *Sol* ilumina a Terra”.

O sujeito é **paciente** quando sofre, recebe, padece a ação verbal, o que se dá na voz passiva: “A *Terra* é iluminada pelo Sol”.

O sujeito é, ao mesmo tempo, **agente** e **paciente**, quando pratica e recebe a ação verbal, o que se dá na voz reflexiva: “*Pedro* livrou-se do embaraço”.

Sujeito **oculto** é o facilmente subentendido: “(*Nós*) Precisamos estudar” (ALMEIDA, 2005: 414).

Nota-se que a conceituação de sujeito, embora apresente algumas particularidades, como a redução a três tipos (simples, composto e indeterminado), segue a nomenclatura tradicional obedecendo à perspectiva semântica.

A última alínea destina-se à oração sem sujeito. Para Napoleão Mendes, quando se trata deste tipo de oração, “não se trata agora de classificar, nem de procurar, nem de determinar o sujeito; o sujeito não existe” (2005: 414). O sujeito não existe em orações

1. em que o verbo é impessoal essencial: “Choveu ontem”;
2. em que entra o verbo *haver* acidentalmente empregado como impessoal: “Há homens na sala”;
3. Em que entra o verbo *fazer*, também acidentalmente empregado como impessoal: “Faz dois dias que...”;
4. Em que entra o verbo *ser*, acidentalmente empregado como impessoal: “Era a hora do repouso”.
5. Em que entra o verbo *estar*, acidentalmente empregado como impessoal: “Está tarde”. (ALMEIDA, 2005: 415)

No capítulo seguinte, “Predicado”, o gramático define este termo como “o que se declara do sujeito, e essa é a função precípua do *verbo*” (2005: 417). Almeida (2005) mantém a nomenclatura tradicional, classificando o predicado como *verbal*, *nominal* e *verbo-nominal*. Assim,

Predicado verbal é o constituído:

- a) ou só do verbo, por não exigir complemento (verbo intransitivo): “O menino CAIU”;
- b) ou do verbo, que não seja de ligação, e do seu complemento, quer seja este integrante ou não: “Nós VIMOS O BALÃO”; “Isso DEPENDE DA LEI”; “Ele CAIU NO RIO”; “Meu pai ESCREVEU UMA CARTA PARA O DIRETOR DO COLÉGIO”.

Predicado nominal é o constituído de um verbo de ligação e do seu complemento, complemento este chamado **predicativo**:

João É ESTUDIOSO;  
(predicativo)  
O pássaro ESTÁ DOENTE  
(predicativo)

O gramático define predicativo como complemento do verbo de ligação, ou seja, “tudo o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação” (2005: 418). Posteriormente, o autor expõe o dado desse termo poder aparecer de duas outras maneiras:

Predicativo do sujeito: é o predicativo que, referindo-se ao sujeito (ou sujeitos), aparece em orações cujo verbo não é de ligação: “João nasceu RICO”; “Pedro morreu POBRE”; “Eu via PREOCUPADO a aflição dos meus alunos”; “Ele saiu DE CABEÇA ERGUIDA”; “As frases rompem MÚRMURAS”; Ele foi apelidado SÁBIO”; “Ele será eleito DEPUTADO”; “Eles foram recolhidos PRESOS”; “Ele foi chamado ANTÔNIO”; “Vós fostes nomeado GENERAL”; Chama-se SÍLABA a reunião de...”

**OBSERVAÇÃO:**

Nas orações “Ele foi eleito deputado”, “Eles foram recolhidos presos” e em outras semelhantes, o predicativo pode vir antecedido de certas preposições ou de *como*: “Ele foi eleito *como* deputado”, “Eles foram recolhidos *como* presos”, “Ele é tido *por* homem de bem” (ou: *como* homem de bem), “O verbo de predicação completa é também chamado *de* verbo intransitivo”, “Era apelidado *de* gordinho”.

Tais construções são permitidas quando não comprometem a clareza da oração; na oração “Eles foram reconhecidos *por* homens de bem”, não sabemos se o “por homens de bem” é predicativo do sujeito ou se é agente da passiva”.

Predicativo do objeto: é o predicativo que se refere ao objeto; constitui-se de adjetivo ou substantivo que acrescenta ao objeto uma ideia que lhe não é essencial. Uma coisa é dizer: “Achei os doentes” (a doença é essencial; procurava pessoas conhecidamente doentes), outra é dizer “Achei-os doentes” (= encontrei-os estando doentes).

Pode aparecer, portanto, em orações de verbo transitivo acompanhado do objeto ou objetos: “Vi-o TRISTE”; “Nomearam João SECRETÁRIO”; “Achei a criança DOENTE”; “Fiz as armas brancas VERMELHAS”; “Fi-las VERMELHAS”; “O vício faz o homem MISERÁVEL”; “Elegeram o candidato DEPUTADO”; “Elegeram-no DEPUTADO”; “Tornei PÚBLICAS as suas injustiças”. (ALMEIDA, 2005: 420)

No comentário subsequente, promove-se a distinção entre o predicativo do sujeito e predicativo do objeto. O primeiro refere-se ao sujeito verbo, ao passo que o segundo é o “complemento que modifica, que completa o objeto e não o sujeito”(2005: 420). O autor exemplifica:

Se eu disser: “Paulo chegou *doente*”, “doente” é predicativo do sujeito, pois se refere ao sujeito, mas se eu disser: “Encontrei Paulo *doente*”, “doente” passará a completar o objeto da oração, que é *Paulo*, denominando-se então **predicativo do objeto**. (ALMEIDA, 2005: 420)

Por fim, a descrição de predicado verbo-nominal, como aquele que é constituído:

a) ou de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito:

Ele MORREU POBRE

b) ou de verbo transitivo e respectivo objeto, mais o predicativo deste objeto:

O pai ENCONTROU-O POBRE. (ALMEIDA, 2005: 420)

### 1.3. Evanildo Bechara

Em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2009) propõe a definição de sujeito e predicado na terceira seção (“Estrutura do enunciado ou período – a oração e frase”) da segunda parte desta gramática (“Gramática Descritiva e Normativa – as unidades do enunciado”).

No primeiro tópico, intitulado “A oração e as funções oracionais”, o autor começa por definir enunciado ou período como “unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor” (2009: 406). Além de caracterizar como uma manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes, o enunciado é composto por sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede seu início e por apresentar uma “curva de entoação” e marcado, na escrita, pelo emprego de maiúscula inicial e por sinais de pontuação. Os enunciados, segundo o autor, apesar de tão variadas formas, apresentam traços comuns como

- a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;
- b) são unidade sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;
- c) são proferidos com um contorno melódico particular. (BECHARA, 2009: 407)

No segundo tópico, Bechara (2009) propõe a definição de oração e frase bem sua distinção:

Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática(...) (BECHARA, 2009:407).

Nota-se que o gramático apresenta uma definição mais precisa de oração. Esta se configura como um tipo de enunciado que se caracteriza por se organizar em uma estrutura capaz de análise gramatical. Essa marca é o traço distintivo comum da oração com relação à frase, outro tipo de enunciado “cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado” (BECHARA, 2009: 407).

Desse modo, à oração é possível a análise gramatical porquanto “a oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*” (2009:408).

Na sequência, Bechara apresenta exemplos de enunciados para demonstrar que o único constituinte indispensável à oração é o verbo. Desse modo, nas possibilidades

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.  
 Eu estudo português às segundas-feiras.  
 Eu estudo português.  
 Eu estudo.  
 Estudo.

(...) o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente (...) de oração em português (BECHARA, 2009: 408).

Bechara assume, portanto, uma concepção de oração mais moderna, sob o ponto de vista dos estudos linguísticos, ao centrar a sua conceituação a partir do verbo. Ao abordar a relação predicativa do verbo como núcleo da oração, a explicação da oração sem sujeito se torna mais precisa

em *Chove*, o verbo flexionado na 3ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito (BECHARA, 2009, 408).

A noção do verbo como predador da oração permite a Bechara a conceituação da oração sem sujeito antes mesmo da exposição das unidades que têm relação predicativa com o núcleo verbal, ou seja, do sujeito e do predicado. Assim, identificam-se sujeito e predicado como grupos que são naturalmente identificados e que exercem função sintático-semântica.

Na sequência, o gramático propõe conhecer “melhor o sujeito” através da descrição de seu núcleo e de seus determinantes. Segundo Bechara (2009: 409), sujeito como “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração”. Ao salientar que o núcleo verbal da oração promove uma explicitação léxica do sujeito, ao incluir, normalmente, como morfema número-pessoal, em

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *-o* (*estud-o*) e *-mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais “1ª pessoa do singular” e “1ª pessoa do plural”, respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada ao texto, podem ser explicitados por *formas lexicais* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1ª pessoa do singular se acomoda à indicação do morfema *-o*, indicador, nos verbos, da 1ª pessoa do singular no presente do indicativo:

Eu estudo.



Já em *brincamos*, o sujeito gramatical “1ª pessoa do plural” está indicado pelo morfema *-mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho  
Eu e minha colega  
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada do morfema que representa o sujeito gramatical (1ª, 2ª e 3ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem) (BECHARA, 2009: 409).

Nota-se, portanto, que a definição de sujeito de Bechara circunda-se à noção de relação predicativa dada pelo núcleo da oração, o verbo. Sujeito é uma “noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente e paciente*” (2009: 409). Sujeito, portanto, não é necessariamente agente do processo indicado pelo verbo, uma vez que em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um substantivo (*homem, sol, criança,*) ou pronome (*eu*) ou equivalente (BECHARA, 2009:410).

O autor considera que a característica fundamental do sujeito explícito é “estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, *se adapte (isto é, concorde)* (grifos meus) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há participio no predicado)” (2009: 410). Não obstante, o reconhecimento do sujeito pode ser feito pela posição que assume na oração, normalmente à esquerda do verbo, de modo a promover a resposta às perguntas *quem?* (aplicado a seres animados), *que? o quê?* (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

Bechara ressalta que muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito se faz acompanhar de determinantes que têm por função “dizer algo acerca do sujeito” (2009: 410). São eles representados, em geral, pelas seguintes classes de palavras: adjetivo, artigo, pronome demonstrativo ou equivalentes a adjetivos, conforme destaca o gramático: “Noites *claras* prenunciam bons tempos. *O* livro está esgotado. *Esta* manhã prometia chuva”.

Há casos em que o núcleo do sujeito vem acompanhado de mais de um determinante. Nestes casos, denominam-se pré-determinantes aqueles que figuram antes de outro determinante; e, pós-determinantes, os que figuram depois de outro determinante. Assim, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que recebem globalmente o nome de quantificador (algum, certo, vários, todo, todos, qualquer, alguns (de), vários (de), etc.): “*Alguns* bons momentos são inesquecíveis. *Todos* os alunos saíram. *Alguns* de nós não foram à festa” (2009:411).

Já os pós-determinantes, à direita do determinante e do pré-determinante, aparecem como pronome possessivo e numeral: “Os *seus* livros não estavam na estante. Aqueles *dois* erros eram graves. Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros. Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio”(2009:411).



Na sequência, em “termos nucleares e marginais”, Bechara continua sua exposição sobre a relação predicativa da oração. Segundo o autor, dizem-se nucleares os termos que, do ponto de vista sintático-semântico, referem-se intimamente à relação predicativa. Desse modo, na oração

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano e falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares* (...), já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas (BECHARA, 2009:411).

Já para expor a noção de termo marginal, o gramático parte do seguinte exemplo:

Já em,

Certamente, Graciliano viveu muitas experiências amargas, durante sua vida, *muitas experiências amargas* e *durante sua vida* são nucleares, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda oração (BECHARA, 2009:412).

Esta condição sintático-semântica permite ao termo *certamente*, adjunto adverbial na nomenclatura tradicional, uma independência semântica no que refere ao seu deslocamento na oração.

Seguindo essa exposição argumental dos termos da oração, no próximo item, Bechara propõe a divisão entre “termos argumentais” e “não argumentais”. Entre estes, a marca distintiva passa a ser o grau de coesão e de dependência (ou subordinação) no que tange à relação predicativa da oração. Assim,

na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

*experiências amargas* (...) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*.

Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode

não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,  
o que não daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios* (BECHARA, 2009:412).

Na seção “conhecendo melhor o predicado”, o autor propõe explorar não só o núcleo do predicado, mas também seus determinantes. O núcleo do predicado é constituído pelo verbo. Já o predicado pode ser simples ou composto, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo: “há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta” (2009:414).

Aos signos léxicos, que sevem de delimitadores semânticos verbais, dá-se o nome de argumentos ou complementos verbais.

Na sequência, Bechara expõe a diferença clássica entre os verbos transitivo e intransitivos, ressaltando que tal conceituação não se faz absoluta.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro viu o automóvel.

Eles precisam de socorro.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não trabalha.

José acordou cedo.

As crianças cresceram rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles comeram maçãs (transitivo).

Eles não comeram (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles bebem pouco (algo líquido: água, refrigerante, suco, etc.)

O aluno não escreveu (um texto: bilhete, carta, oração, etc.)

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele *ofereceu*

Nós *reparamos*,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplo anteriores. Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / ‘não enxerga’, ‘é cego’

Já não *bebe* / ‘abandonou o alcoolismo’

Ainda não *lê* / ‘é analfabeto’

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que a gramática (BECHARA, 2009: 415).

Na seção seguinte, “Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo”, Bechara descreve as formas de representação dos complementos verbais na oração. O “completo direto”, que a tradição denomina objeto direto. Trata-se, segundo o autor, de um argumento “representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária” (2009: 416). O completo direto se distingue do sujeito por via à direita do verbo, de modo que a troca de posição se dá em casos em que dela não resulte ambiguidade. A identificação do objeto direto se faz pelas seguintes estratégias:

- a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o, a, os, as*, marcados formalmente com o gênero e o número dos termos comutado:
  - Os vizinhos não viram *o incêndio* / não *o* viram
  - Não encontramos *os responsáveis* / não *os* encontramos
  - O pai comprou *casa nova* / *a* comprou
- b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:
  - Os vizinhos* não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
  - Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
  - O pai* comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.
- c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* (é que) (para pessoas) e (o) *que* (é que) ? antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *conhecer*.
  - O caçador viu *o companheiro*.
  - Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
  - O caçador viu *o lobo*.
  - Que é que o caçador viu? – *o lobo* (completo direto)
- d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:
  - O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu (BECHARA, 2009: 417).



No entanto, o autor ressalva que nenhuma dessas estratégias se configura como procedimento infalível, uma vez que:

- a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes:
  - Eu quis o livro / O livro foi querido por mim.*
  - Cremos isso / isso é crido por nós.*
  - O aluno tem o livro / o livro é tido pelo aluno.*
  - Os refugiados perderam tudo / Tudo foi perdido pelos refugiados.*
  - O atleta pesava 60 quilos / 60 quilos eram pesados pelo atleta.*
- b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:
  - Assistimos à missa / A missa foi assistida por nós.*
  - O proprietário pagou aos operários / Os operários foram pagos pelo proprietário.*
  - O diretor perdoará aos alunos / Os alunos serão perdoados pelo diretor.*
  - Os cidadãos obedecem à lei / A lei é obedecida pelos cidadãos.*
  - Todos respondem ao anúncio / O anúncio foi respondido por todos.*
  - Apelaram da sentença / A sentença foi apelada.*
  - Não aludiram a essas razões / Essas razões não foram aludidas.*
- c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem?*, *que?* nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:
  - O corredor mede cinco metros.*
  - O atleta pesa sessenta quilos.*
  - O novo carro custou trinta mil reais.*
  - O filme durou três horas.*
- d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:
  - O corredor mede-os.*
  - O atleta pesa-os.*
  - O novo carro custou-os.*
  - O filme durou-as.* (BECHARA, 2009: 418).

Ao tratar do objeto direto preposicionado, Bechara salienta que o aparecimento da preposição na constituição de tal complemento verbal sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, “não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo” (2009: 418). Assim, o objeto direto ocorre:

- a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):
  - “Nem entende *a nós*, nem nós *a ele*” (LC.1, V, 28) .
- b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece:
  - Amar a Deus* sobre todas as coisas.
  - Consolou aos amigos.*
- c) Quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

- 1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):  
*A Abel matou Caim.*
- 2) *comparação*:  
 “Isto causou estranheza e cuidados ao amável Sarmento, que prezava Calisto *como a filho*” (CBr.1, 80).
- d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro, uns aos outros*:  
 Conhecem-se *uns aos outros*.
- e) Com pronome relativo *quem*:  
 Conheci a pessoa *a quem* admiras.
- f) Nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:  
 “Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*” (AH.3, 102).
- g) Nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:  
 “*Ao ingrato*, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe” (RLb.2, 278)(BECHARA, 2009, 419).

Em “o complemento objeto direto”, Bechara define este complemento como um “signo léxico” que geralmente denota relação a um ser animado e que vem introduzido pela preposição *a*, referindo-se à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicativa. Nota-se que Bechara define, no tópico anterior, o determinante do predicado complexo que vem introduzido por preposição como “complemento relativo”, de modo que são complementos relativos as expressões destacadas em “Todos nós gostamos *de cinema*”, “O marido não concordou *com a mulher*”, “Poucos assistiram *ao concerto*”. Nestes casos, “a preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição” (2009: 420).

Deste modo, o objeto indireto apresenta as seguintes características formais e semânticas:

- a) É introduzido apenas pela preposição *a* (raramente *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado “beneficiário”, “destinatário”; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe/lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o, a, os, as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele, ela, eles, elas*).
- Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.  
 O diretor escreveu cartas *aos pais*. /O diretor escreveu-*lhes* cartas.  
 (BECHARA, 2009: 422)

Bechara reconhece a dificuldade de se estabelecer um rigoroso critério para se identificar o complemento indireto, uma vez que os critérios léxicos, formais e sintáticos se

misturam. Não obstante, considera o complemento indireto como um termo “que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional na intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais” (2009: 422).

No tópico subsequente, intitulado “o complemento predicativo”, Bechara introduz a definição de predicativo a partir da caracterização dos verbos que integram este argumento verbal. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, o que faz do predicativo “um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos diretos, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito” (2009: 425).

Bechara enumera a “pequena lista” de verbos (*ser, estar, ficar, permanecer, parecer*) e, na sequência expõe alguns enunciados exemplificativos (“O trabalho *é* proveitoso”; “A situação *parecia* resolvida”), e observa que:

se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser, estar, ficar, parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalente a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor / Pedro canta; O colega está irritado / O colega irrita-se*. (BECHARA, 2009: 425).

Não obstante essas aproximações entre o complemento direto, Bechara apresenta duas particularidades do predicativo, que o distingue dos demais argumentos verbais. A primeira particularidade formal é a concordância em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima. A segunda é a possibilidade de substituição do predicativo pelo pronome invariável *o* (“O trabalho *é* proveitoso - O trabalho *o* *é*”).

O último apontamento descritivo de Bechara, que concerne aos objetivos desse trabalho intitula-se “Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?”. A resposta de Bechara é negativa, uma vez que, sob o ponto de vista funcional e formal, os

verbos ditos de ligação (Bechara não utiliza essa nomenclatura) apresentam todos os aspectos necessários à classe dos verbos, permitindo a relação predicativa, que, essencialmente, subsiste no conceito de oração dado pelo autor:

a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor, Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo,- pois sua missão gramatical se restringiria a “ligar” (daí os nomes de *copulativos, de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíram) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a necessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal*. *Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo o verbo* (grifos meus) (BECHARA, 2009: 426).

#### 1.4 O sujeito e o predicado no livro didático

O livro didático (LD) *Português – Gramática* (vol. 1) da coleção de “Linguagens, códigos e suas tecnologias” do Sistema de Ensino Objetivo, traz em seu capítulo oitavo, intitulado “Sujeito e Predicado”, as noções destes conceitos. O capítulo inicia-se com “noções preliminares” de sintaxe, que diz respeito “à disposição das palavras numa frase e às relações entre elas” (s/d: 82). Para exemplificar essa abordagem inicial, a apostila propõe alguns exemplos:

Tomemos um substantivo português como *garotos*. Veja as frases abaixo:

Os *garotos* estavam sentados na calçada.

Helena viu os *garotos* ontem.

Preciso conversar com os *garotos*.

Em cada uma das orações acima, a mesma palavra, *garoto*, se relaciona de uma forma especial com as outras.

Veja: Na primeira frase, *garotos* vem antes do verbo *estavam*; o verbo concorda com *garotos*.

Na segunda, *garotos* vem depois; o verbo, aqui, não concorda com *garotos* – está no singular para concordar com *Helena*.

Na terceira, *garotos* é uma expressão que também vem depois do verbo, mas acompanhada por uma palavra, *com*, que não pode faltar (*Preciso conversar os garotos* é uma frase sem sentido em português) (LD, s/d, 82-3).

Essa primeira análise, feita de forma superficial, introduz o próximo item, “Frase”, apresentada como “todo enunciado capaz de transmitir a outrem aquilo que pensamos, queremos ou sentimos. A frase é uma enunciação de sentido completo, é a verdadeira unidade

da fala” (s/d: 83). Já a oração, no item seguinte, “é a frase que apresenta estrutura sintática (normalmente, sujeito e predicado, e, às vezes, só o predicado)” (s/d: 83).

Na sequência, após apresentar um esquema tradicional dos termos da oração, o livro didático traz o item “Sujeito e predicado”. Assim,

*Sujeito* é o termo da oração com o qual, normalmente, o verbo concorda.

Exemplos

*A notícia corria de boca em boca.* (*Corria* está no singular para concordar com *a notícia*)

*As notícias corriam de boca em boca.* (*Corriam*, no plural, para concordar com *as notícias*).

*Nós dissemos tudo.* (*Dissemos* é verbo na primeira pessoa do plural, concordando com o sujeito *nós*).

O **núcleo** do sujeito é a palavra principal do sujeito, que encerra a essência de sua significação. Em torno dela, como que gravitam as demais.

Exemplo

*Os teus lírios brancos embelezam os campos.* (*Lírios* é o núcleo do sujeito)  
Note que *Os teus brancos embelezam os campos* não é possível, mas *Lírios embelezam os campos*, sim (LD, s/d: 83)

Antes da tipificação clássica do sujeito, tem-se uma abordagem que se distancia do critério semântico, conforme a abordagem inicial:

É comum ensinar-se que sujeito é o ser que pratica a ação, mas note os exemplos abaixo:

*Pedro está doente.* *Pedro*, que é sujeito, não pratica nenhuma ação: o verbo indica estado.

*Pedro apanhou feio.* *Pedro*, o sujeito, sofre uma ação, não pratica nada.  
*O carro foi comprado por mim.*

*O carro* é sujeito, mas não é quem pratica a ação de comprar. Diz-se também que o sujeito é “o termo da oração a respeito do qual se afirma ou se nega alguma coisa”. Mas essa definição é muito discutível. Veja o pequeno texto abaixo:

*Houve um terrível acidente com a nossa amiga Maria, enquanto seu pai brincava com uma arma carregada no quarto. O revólver disparou e a bala atingiu a pobre da Maria na cabeça.*

Na última oração, *a bala* é sujeito, mas se está falando da *bala*, de *Maria*, ou dos dois? Portanto, a definição mais adequada é esta: **sujeito é o termo da oração com o qual o verbo normalmente concorda** (grifos meus) (LD, s/d: 84).

Posteriormente, apresenta-se a tipificação do sujeito:

*Sujeito simples* é aquele que tem um só núcleo.

**Quem** descobriu a pólvora?

**As flores** morreram.

*Sujeito composto* é aquele que tem mais de um núcleo.

**O rapaz e a moça** foram encostados ao muro.

Viajaram o **presidente e o secretário**.

*Sujeito elíptico (ou oculto)* é aquele **não expresso** e que



pode ser determinado pela desinência verbal ou pelo contexto.

*Viajarei amanhã.* (Sujeito oculto: eu).

*Comprou o bilhete e saiu.* (Sujeito oculto: ele).

*O médico chegou ao hospital. **Realizou** várias cirurgias e **voltou** para casa.* (Sujeito oculto: o médico).

*Sujeito indeterminado* é aquele que existe, mas não podemos ou não queremos identifica-lo com precisão.

Ocorre em dois casos

- quando o verbo está na **3ª pessoa do plural**, sem referência a nenhum substantivo anteriormente expresso.

*Anunciaram a morte do diplomata.*

*Batem à porta.*

- com verbos intransitivo (VI), transitivo indireto (VTI) ou de ligação (VL) acompanhados com a partícula SE, chamada de índice de indeterminação do sujeito (IIS).

*Vai-se à cidade por aquele caminho.* (VI)

*Vive-se bem.* (VI)

*Precisa-se de pedreiros.* (VTI)

*Falava-se baixo.* (VI)

*Era-se feliz naquela época.* (VL) (LD, s/d: 85)

O capítulo encerra-se com as orações sem sujeito, “cujos verbos são impessoais, com sujeito inexistente” (s/d: 85). As orações sem sujeito ocorrem nos seguintes casos:

- com verbos que se referem a fenômenos meteorológicos.

**Chovia. Ventava** durante a noite.

**Anoitece** mais tarde ultimamente.

- *haver* no sentido de existir ou quando se refere *a tempo decorrido*.

**Havia** crianças morrendo. (*Existiam* crianças)

**Há** duas semanas não o vejo. (Faz duas semanas)

**Houve** vários acidentes naquela rodovia. (Ocorreram vários acidentes naquela rodovia).

- *fazer* referindo-se a *fenômenos meteorológicos* ou a *tempo decorrido*.

**Fazia** 40° à sombra.

*Conhecera-o* assim, **fazia** quase vinte anos.

- *ser* nas indicações de horas, datas e distâncias.

**É** uma hora.

**São** duas horas.

*Hoje é* dia 15.

*Hoje são* 15.

*Daqui a* minha casa, **são** oito quarteirões. (LD, s/d: 85)

O capítulo seguinte aborda o conceito de predicado nominal, cujo “núcleo, em torno do qual as demais palavras do predicado gravitam e que contém o que de mais importante se comunica a respeito do sujeito, é um *nome*, isto é, um substantivo ou adjetivo, ou palavra de natureza substantiva” (s/d: 90). Apresenta-se brevemente o verbo de ligação, que “liga o núcleo ao sujeito”, como indicador de estado, ilustrando por de frases exemplificativas “A tristeza *era* mortal”, “Os príncipes *viraram* sapos muito feios”.

O item subsequente destina-se especificamente aos verbos de ligação, como

Aqueles que, sem possuírem significação precisa, ligam um sujeito a um predicativo. São verbos de ligação: *ser, estar, ficar, parecer, permanecer, continuar, tornar-se*, etc.

*A moça parecia espantada. A rua estava silenciosa. A mesa era de mármore.*  
São núcleo do predicado nominal, *espantada, silenciosa, de mármore*, que funcionam sintaticamente como predicativo do sujeito.

OBS.:

- Se estes verbos vierem seguidos apenas de adjuntos adverbiais, serão considerados **intransitivos**.

*O baile de encerramento será na quadra da escola.*

*Os passageiros permaneciam na sala de espera.*

- Há casos em que os verbos *ser* e *estar* são impessoais. Continuam, mesmo assim, sendo verbos de ligação e vêm acompanhados de um predicativo.

*São duas horas.*

*É tarde.*

*Era noite.*

*Estava escuro.*

*Está calor.* (LD, s/d: 90)

O capítulo encerra com a abordagem do predicativo do sujeito como “termo da oração que, no predicado, expressa qualificação ou classificação do sujeito” (s/d: 90). Depois de alguns exemplos (“Ela estava *imóvel*”; “Você será *engenheiro*”), o livro didático propõe uma observação sobre a presença do predicativo do sujeito junto a verbos intransitivos e a transitivos:

O predicativo do sujeito, além de vir com verbos de ligação, pode também ocorrer com verbos **intransitivos** ou com verbos **transitivos**.

*Mozart nasceu compositor.* (VI + PS)

*O ônibus chegou atrasado.* (VI + PS)

*Elas morreram tranquilas.* (VI + PS)

*Eles assistiram ao jogo entusiasmados.* (VTI + PS)

*Ela fez aprova nervosa.* (VT + PS) (LD, s/d: 90)

O capítulo seguinte, “Predicado verbal – verbos intransitivos e transitivos – complementos verbais”, inicia-se apresentando as características do predicado verbal, que

Ocorre quando o núcleo é um **verbo**. Logo, não apresenta predicativo. É formado por verbos transitivos e intransitivos.

*Abrirei o portão.* (sujeito oculto: *eu*; núcleo do predicado: *abrirei*, verbo transitivo direto)

*A população da vila assistia ao embarque.* (núcleo do sujeito: *população*; núcleo do predicado: *assistia*, verbo transitivo indireto)

*O poeta, na noite morta, não dormia.* (núcleo do sujeito: *poeta*; núcleo do predicado: *dormia*, verbo intransitivo) Todos os predicados das frases acima são verbais, pois têm como um núcleo um verbo. (LD, s/d: 93)

Nos itens seguintes, apresentam-se os tipos de verbos nocionais e os complementos verbais:

*Verbos intransitivos* são verbos que não exigem complemento algum; como a ação verbal não passa, não transita para nenhum complemento, recebem o nome de **verbos intransitivos**. Podem formar predicado sozinhos ou com adjuntos adverbiais.

*A cidade **dorme**.*

*Os prisioneiros **chegaram** à cela.*

*Os visitantes **retornaram** ontem à noite.*

*Verbos transitivos* são verbos que, ao declarar alguma coisa a respeito do sujeito, exigem um complemento para a perfeita compreensão do que se quer dizer. Tais verbos se denominam **transitivos** e a pessoa ou coisa para onde se dirige a atividade transitiva do verbo se denomina **objeto**. Dividem-se em: diretos, indiretos e diretos e indiretos.

***Falei** aos colegas.*

***Ganhamos** o jogo.*

Os verbos transitivos diretos exigem um objeto direto.

***Houve** grandes festejos.*

***Espero-o** na estação.*

Os verbos transitivos indiretos exigem um objeto indireto.

*Ela **confia** em Deus.*

***Gosto** de flores.*

***Aspiro** ao título.*

Os verbos transitivos diretos e indiretos exigem um objeto direto e um objeto indireto.

*O governo não **alterou** a política econômica. (VTD)*

*Os trabalhadores **discordaram** da política econômica (VTI)*

*Os ministros **informaram** a nova política econômica aos trabalhadores.*

(VTDI). (LD, s/d: 93)

Na sequência, o livro didático expõe os tipos de complementos verbais, como “representados pelo objeto direto (OD) e pelo objeto indireto (OI)” (s/d: 93). Assim, o objeto indireto

É o complemento verbal que se liga ao verbo pela preposição por ele exigida. Nesse caso o verbo pode ser transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. Normalmente, as preposições que ligam o objeto indireto ao verbo são *a, de, em, com, por, contra, para* etc.

*Optei **pelo** menor.*

*Lutei **contra** o azar.*

*Obedeço **ao** mestre.*

*Acredito **em** você.*

*Oponho-me **ao** fato.*

*Deparei **com** um estranho.*

*Ofereci um prêmio **ao** vencedor.*

*Comunicaram o fato **aos** leitores. (LD, s/d: 94)*

Já o objeto direto é o

Complemento verbal que se liga ao verbo sem preposição obrigatória. Nesse caso o verbo pode ser transitivo direto ou transitivo direto e indireto.

*Não vi **ninguém**.*

*Os jornais **nada** publicaram.*

*Ofereci **um prêmio** ao vencedor.*

*Comunicaram **o fato** aos leitores (LD, s/d, 93).*

O livro traz também a noção de objeto direto preposicionado, como aquele que

Contrariando sua própria definição e característica, aparece regido de preposição (geralmente a preposição *a*).

*Maria ainda ama **a Pedro**.*

*O pai dizia aos filhos que adorava **a ambos**.*

(O objeto direto preposicionado) pode ocorrer:

- quando representado por nomes próprios.

*No império romano, adoravam **a Júpiter**.*

*Algumas religiões ensinam que Judas traiu **a Cristo**.*

- para evitar ambiguidade ou quando o objeto direto antecede o verbo.

***Ao caçador** o tigre matou.*

*A mãe **ao próprio filho** não conhece.*

***Ao tronco**, que devassa os ares, o raio ofende.*

- quando o objeto direto vem depois do predicativo do objeto.

*Considero generoso **a meu pai**.*

- quando o objeto é um pronome pessoal oblíquo tônico (*mim, ti, si, ele, ela, nós, vós*).

*Ela ama **a mim**, e eu **a ti**.*

*Castigaste **a ele**, não **a nós**.*

- quando o objeto é um pronome demonstrativo, indefinido ou interrogativo.

*Magoou mais **a este** que os demais.*

*Ela amava **a alguém** desta cidade.*

***A quem** feriste?*

- quando o objeto indireto é constituído por um pronome átono e um substantivo, **este último será regido de preposição**.

*Pela indisciplina, castiguei-o e **a seu cúmplice**.*

*Rogou que o salvasse e **aos seus companheiros**.*

- quando o objeto direto é o numeral *ambos*.

*Vi **a ambos**.*

- com substantivos que derem **ideia de partitivo**.

*Beber **do vinho**.*

*Comer **do pão**.*

- com os verbos *tirar, arrancar, puxar, sacar, usar* e outros, dando ênfase à ação verbal.

*Arrancar **da espada**.*

*Sacar **do revólver**.*

*Usar **do lenço**. (LD, s/d: 94)*

Em seguida, apresenta-se o conceito de objeto pleonástico, como “a repetição do objeto (direto ou indireto) por meio de um pronome” (s/d: 94). Essa repetição assume

Valor enfático (reforço) da noção contida no objeto direto ou objeto indireto.

*O homem, criou-o Deus. (Objeto direto pleonástico)*

*Os lucros, ninguém os viu. (Objeto direto pleonástico)*

*Ao colega, já **lhe** perdoei. (Objeto indireto pleonástico)*

*A este, falta-lhe competência.* (Objeto indireto pleonástico)  
*A vida, levou-a o vento.* (Objeto direto pleonástico)  
*Ao filme, assistimos a ele emocionados.* (Objeto indireto pleonástico). (LD, s/d: 94)

O tópico “complementos verbais” encerra-se com o conceito de objeto direto interno, como o objeto direto que

Repete a ideia contida no verbo. Aparece acompanhado de um qualificativo.  
*Morrerá morte infame de peão criminoso.*  
*Voamos um voo espetacular.* (95)

O capítulo encerra com observações complementares que visam apresentar a substituição dos complementos verbais pelos pronomes oblíquos átonos. Assim,

Os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as* (ou as variações: *lo, la, los, las; no, na, nos, nas*) funcionam como objeto direto; os pronomes *lhe, lhes*, como objeto indireto; os pronomes *me, te, se, nos, vos*, como objeto direto e indireto, dependendo do verbo.

– os pronomes *o, a, os, as*,= sofrem o fenômeno da **assimilação** quando precedidos das formas verbais terminadas por *-r, -s, -z*, havendo a transformação dessas consoantes.

*Vender + o = vendê-lo.*

*Pus + a = pu-la.*

*Fiz + os = fi-los.*

– Os pronomes *o, a, os, as* adquirem as formas verbais terminadas por *-am, -em, -ão, -ões*.

*Levaram + a = levaram-na.*

*Mantém + o = mantém-no.*

*Dão + as = dão-nas.*

*Põe + os = põe-nos.*(LD, s/d: 95)

O capítulo seguinte, “predicado verbo-nominal”, conceitua este termo da oração como aquele que é

Formado por **predicativo** com **verbo transitivo** ou **intransitivo**.

*Os velhos morreram doentes.* (predicativo do sujeito com verbo intransitivo)

*O espetáculo foi considerado imoral.* (predicativo do sujeito com verbo transitivo direto na voz passiva)

*A multidão assistia ao jogo emocionada.* (predicativo do sujeito com verbo transitivo indireto)

*A riqueza tornou-o orgulhoso* (predicativo do objeto com verbo transitivo direto)

*Os homens julgam as mulheres inconstantes* (predicativo do objeto com verbo transitivo direto)

*A noite caiu tranquila.* (predicativo do sujeito com verbo intransitivo)

– Sempre que houver um predicativo do objeto, o predicado será **verbo-nominal**.

*Consideraram sua opinião inteligente.*

*Não gostamos de sua irmã **triste**.*  
*O juiz considerou o réu **culpado**. (LD, s/d: 100)*

Na sequência, apresentam-se os conceitos de predicativo de sujeito e de predicativo do objeto.

O *predicativo do sujeito*, além de vir com verbos de ligação, pode também ocorrer com verbos intransitivos ou transitivos. Nesse caso, o predicado é verbo-nominal.

*O vendedor, **assustado**, procurou o policial.*  
*A criança brincava **alegre** no parque.*  
*O rapaz, **apreensivo**, obedecia ao pai (LD, s/d: 100).*

Já o predicativo do objeto

Exprime qualidade, estado ou classificação que se referem ao objeto (direto ou indireto).

Exemplos de predicativo do objeto direto:

*O juiz declarou o réu **culpado**.*  
*Encontrei **mortos** os soldados.*  
*Chamei-o **de santo**.*

Exemplos de predicativo do objeto indireto:

*Chamei-lhe **de bobo**.*  
*Não gosto de mamãe **preocupada**.*  
*Gosto de você **alegre**. (LD, s/d: 100)*

As “observações complementares” que finalizam o capítulo trazem breves acentuações morfológicas e funcionais sobre o predicativo:

- tanto o predicativo do sujeito como o predicativo do objeto podem vir precedidos de **preposição**.

*O rapaz chegou **com fome**.*  
*O juiz declarou o réu **como culpado**.*

- o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o **sujeito**. O predicativo do objeto concorda em gênero e número com o **objeto** (direto ou indireto) a que se refere. (LD, s/d: 101)

### 1.5. Análise: comparação entre gramáticas e livro didático

O quadro a seguir tem por finalidade estabelecer de forma sintética uma analogia entre os conceitos de sujeito e de predicado propostos pelas gramáticas tradicionais e pelo livro didático analisados neste trabalho.

|           | Cunha & Cintra                          | Napoleão Almeida  | Bechara  | Livro didático  |
|-----------|---|---|--|---|
| SUJEITO   | Ser sobre o qual se faz uma declaração. | Pessoa ou coisa sobre a qual se faz uma declaração.               | Unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. | Termo da oração com o qual normalmente o verbo concorda.  |
| PREDICADO | Tudo aquilo que diz do sujeito.         | O que se declara do sujeito (e essa é a função própria do verbo). | Unidade significativa que permite relação predicativa com o verbo.   | O que se comunica sobre o sujeito e tem como núcleo um nome (predicado nominal) ou um verbo (predicado verbal). |

A partir da comparação acima, nota-se que o critério semântico para a definição de sujeito e de predicado prevalece sobre o sintático, quando não há uma mescla entre essas abordagens, não obstante Bechara (2013) apresentar estes termos da oração a partir da relação predicativa proporcionada pelo núcleo da oração: o verbo. Esta última análise parece timidamente no livro didático (s/d) aqui analisado, conquanto ainda reproduza a visão tradicional presente em Cunha & Cintra (2009) e Almeida (2005).

Na busca pela síntese e pela simplificação, o livro didático reproduz as definições semânticas tradicionais de sujeito e predicado, apesar de enfatizar a particularidade da concordância entre o sujeito e verbo, este como núcleo da oração. No entanto não promove a abordagem estrutural da sentença a partir das informações dadas pelo verbo, demonstrando certa continuidade das definições de sujeito e de predicado das gramáticas tradicionais selecionadas neste trabalho.



## CAPÍTULO 2

### 2. O SUJEITO E O PREDICADO SOB A ÓTICA DA ARENDIZAGEM LINGUÍSTICA ATIVA

#### 2.1. Ciência e ensino de gramática: contribuições da linguística para a compreensão da formação da oração

É sabido que uma das dificuldades centrais para o estudo da sentença advém da imprecisão da nomenclatura mantida pela gramática tradicional que divide os termos da oração em “essenciais”, “integrantes” e “acessórios”. No que toca ao estudo do sujeito e do predicado, considerados termos essenciais, é notória a incongruência das definições comuns de sujeito, como “ser sobre o qual se declara algo”, e de predicado, como “tudo aquilo que se diz do sujeito”, diante da existência de orações sem sujeito.

Diante dessa anomalia, segundo Duarte (2007), “é mais razoável olhar para o elemento nuclear que dá origem à oração, o predicator” (2007: 186), uma vez que a tradição gramatical não trata o verbo como promovedor dos constituintes da oração. Para a autora, os predicados verbal, nominal e verbo-nominal são assim classificados porque neles se encontram “os elementos que projetam os constituintes da oração” (2007: 187). Esses elementos recebem o nome de predadores, por serem responsáveis pela seleção de, normalmente, um elemento externo (sujeito) e, opcionalmente, argumentos internos (complementos).

Segundo Duarte,

Os predadores verbais podem projetar as seguintes estruturas:

- (1) Estruturas com três argumentos
  - a. Ele deu o dinheiro aos pobres.
  - b. Eu dividi o pão com os pobres.
  - c. Eu levei as crianças ao colégio.
- (2) Estruturas com dois argumentos:
  - a. Ele matou o pássaro.
  - b. Isso interessa aos alunos.
  - c. Eles acreditam em você.
  - d. Eles moram no Rio.
- (3) Estruturas com um argumento:
  - a. As crianças pulam.
  - b. Chegou uma encomenda.
  - c. \_\_\_\_\_ Houve muitas festas.

(4) Estruturas sem argumento:  
 \_\_\_\_ Choveu. (DUARTE, 2007: 187).

Nota-se que a partir do verbo, selecionam-se os argumentos que compõem a estrutura da oração, que recebem o nome na gramática tradicional de complementos verbais (argumentos internos), de adjunto adverbial (argumento circunstancial) e de sujeito (argumento externo). Na análise deste último, segundo Duarte (2007), a gramática tradicional se equivoca ao misturar critérios sintáticos e semânticos. Para a autora, o sujeito (se classifica):

(a) quanto à forma (estrutura), o pode vir expresso ou não expresso;  
 (b) quanto à referência (seu conteúdo, seu valor semântico), o sujeito pode ter referência definida, indefinida ou não ter qualquer referência:

|                | FORMA   |   |
|----------------|---|---|
| Referência     | Não expresso  | Expresso  |
| Definida       | ____ Fui/ ____ Fomos/<br><br>____ Fomos ao teatro<br>ontem  | Eu/Nós/As meninas/Elas foram ao teatro ontem.   |
| Indefinida     | ____ Roubaram as rosas<br>do jardim.<br><br>____ Precisamos de<br>ordem e progresso.<br><br>____ Não usa mais<br>máquina de escrever.<br><br>____ Vende<br>apartamento. | Eles estão assaltando<br>nesse bairro.<br><br>Nós precisamos de ordem<br>e progresso.<br><br>A gente precisa de ordem<br>e progresso.<br><br>Você vê muito comércio<br>no centro. |
| Sem referência | ____ Choveu muito.<br><br>____ Fez frio.  |   |

|  |                     |  |
|--|---------------------|--|
|  | ___ Houve confusão. |  |
|--|---------------------|--|

(DUARTE, 2007: 196)

Destarte, as definições de sujeito e de predicado das gramáticas tradicionais não levam em consideração o papel do verbo como elemento central pelo qual a estrutura da oração de faz.

## 2.2. Pressupostos da Aprendizagem Ativa: a Teoria Gerativa

Em contraposição à gramática tradicional, que prioriza por meio de sua nomenclatura exuberante a prescrição normativa a partir de exemplificações descontextualizadas, o método ativo, tomando por base a Teoria Gerativa, leva em consideração o conhecimento prévio do aluno, visto como sujeito ativo no desenvolvimento do saber.

Segundo Chomsky (1998), a faculdade humana de linguagem parece ser uma verdadeira propriedade de espécie e “exerce papel fundamental em cada um dos aspectos da vida, do pensamento e da interação humana” (1998: 18). A faculdade da linguagem humana é como um órgão da linguagem, algo que “não pode ser removido do corpo”. Não obstante, “cada língua é o resultado da atuação recíproca de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência” (1998:20).

Para Chomsky,

o cérebro incorpora “órgãos especializados”, computacionalmente especializados para solucionar tipos específicos de problemas, com grande facilidade. O crescimento e desenvolvimento desses órgãos especializados – o que é às vezes chamado de aprendizagem – é o resultado de processos internamente dirigidos e efeitos ambientais que desencadeiam e modelam o desenvolvimento. O órgão da linguagem é um desses componentes do cérebro humano (CHOMSKY, 2006: 77).

Para Chomsky, o processo de crescimento e de desenvolvimento linguístico do indivíduo é condicionado por três fatores: 1) os dados externos; 2) um dom genético que converte os dados da experiência e orienta o curso geral de desenvolvimento e 3) princípios de âmbito mais geral (PILATI, 2017: 51).

Uma vez que a Faculdade de Linguagem é uma habilidade inata,

cada falante tem a capacidade de internalizar um processo gerador que produz uma infinita variedade de expressões hierarquicamente estruturadas, as quais são interpretadas em duas interfaces: a do sistema sensório-motor (SM) e a do sistema conceptual-intencional (CI; sistemas de pensamento e planejamento de ação). Cada expressão linguística é um objeto que consiste em duas coleções de informações: fonética e semântica. Por causa da interpretação nessas duas interfaces, as línguas humanas possuem som e significado (CHOMSKY, 2006: 77; Trad. Eloisa Pilati, *apud* PILATI, 2017: 51).

Se a Faculdade de Linguagem contém um sistema recursivo que permite a construção de uma variedade finita de enunciados dotados de significado, é porque esse sistema participa de uma estruturação pela qual as expressões compõem uma hierarquia. Ora, se considerarmos que as línguas humanas, como resultado de uma habilidade inata típica da espécie humana, possuem propriedades comuns como, por exemplo, ordem de palavras na composição sintagmática da língua, seleção de argumentos, presença de adjuntos, concordância e a correlação entre diferenças de sentido e combinações diferentes dos termos, é pertinente a visão segundo a qual o ensino de gramática não deve se reduzir à mera memorização de regras e análise de exemplos descontextualizados.

Para PILATI (2017), no tange ao ensino de gramática,

“é de fundamental importância que o estudante compreenda o funcionamento da gramática da sua língua, compreenda minimamente os padrões básicos do sistema linguístico que ele já domina inconscientemente para que possa usar de forma consciente os padrões linguísticos da sua língua nas atividades de leitura e produção de textos” (PILATI, 2017: 106)

Portanto, o ensino de gramática, ao basear-se na transmissão de definições e exemplificações descontextualizadas, concebe o aluno como uma tábula rasa, desconsiderando o aluno como um sujeito ativo do conhecimento que possui uma habilidade linguística inata que lhe manipular padrões básicos da língua para o seu uso crítico e consciente.

### 2.3. Pressupostos da Abordagem Linguística Ativa

Segundo Pilati (2017), para que o aluno compreenda de modo ativo os processos linguísticos, são necessários

- a) Possuir uma base sólida de conhecimento factual;
- b) Entender os fatos e as ideias dentro do arcabouço conceitual e organizar o conhecimento a fim de facilitar sua recuperação e aplicação;
- c) Usar a metacognição, ou seja, os estudantes devem ser orientados para ter o controle de sua própria aprendizagem por meio da definição dos objetos da aprendizagem por meio da definição dos objetivos da aprendizagem e do monitoramento do seu progresso em alcançá-los. (PILATI, 2017: 105)

Para a organização do conhecimento bem como para sua aplicação, ainda segundo PILATI (2017), deve-se elaborar atividades que leve o educando a

- a) Aprender a identificar padrões;
- b) Desenvolver uma compreensão profunda do assunto;
- c) Aprender quando, onde e por que usar tal conhecimento, levando em conta as condições. (PILATI, 2017: 105)

Desse modo, cabe ao professor a construção de mecanismos de análise das diversas formas de uso da língua, a partir de situações concretas. Para uma aprendizagem efetiva, é necessária uma metodologia que busque promover a reflexão sobre os fenômenos linguísticos em detrimento da descrição normativa. Sob a perspectiva da metodologia da aprendizagem ativa, o aluno é encarado como copartícipe do processo de aprendizado, uma vez que o saber é construído a partir de sua faculdade de linguagem e sua experiência social.

O ensino de gramática fragmentado e descontextualizado engessa a noção de gramática como um conjunto de regras e não permite ao aluno a consciência da correlação entre os aspectos gramaticais estudados e a própria capacidade linguística que lhe é inerente. Logo, para se levar em conta o conhecimento prévio do aluno, para Pilati, “é importante mostrar aos alunos o funcionamento da língua humana sob diferentes perspectivas para que eles possam compreender o próprio objeto de estudo e os objetivos das aulas de português”

(2017: 103), uma vez que eles não têm consciência nem do conhecimento linguístico inato tampouco dispõem de critérios objetivos para analisar as informações que possuem.

Um ensino de gramática que vise à mera memorização de regras, incuti no aluno esse procedimento como caminho único para a compreensão dos fenômenos linguísticos, não proporciona ao aluno o desenvolvimento do conhecimento profundo, que lhe permita olhar aos fenômenos estudados de forma reflexa e crítica. Logo, a identificação de padrões deve se realizar por meio de contextos concretos de uso que permitam a organização conceitual e consciente.

No que tange ao conhecimento sintático, o aluno deve compreender os padrões básicos da língua portuguesa de modo a ser-lhe possível a manipulação desses padrões, sobretudo no que se refere à ordem das palavras, às etapas de formação de orações, aos critérios de seleção de argumentos e à concordância verbal. Segundo Pilati (2017), “o domínio das estruturas básicas que compõem o sistema gramatical da língua portuguesa também auxilia os estudantes a se sensibilizarem para questões relativas a escolhas lexicais, questões de propriedade vocabular e questões de variação linguística” (2017:107).

Em sua proposta pedagógica, a autora ressalta a importância de proporcionar a reflexão gramatical a partir da diversidade das estruturas gramaticais que obedeçam a um crescendo, no que diz respeito à complexidade do assunto abordado. Essa reflexão, no entanto, deve vir acompanhada de materiais concretos “para que os alunos possam manipular conceitos básicos, entender o funcionamento da língua portuguesa, ter contato com as propriedades linguísticas relevantes” (2017: 109).

Com efeito, para que se promova o contato dos alunos com a diversidade das estruturas gramaticais, além de conduzi-los à manipulação de conceitos básicos de funcionamento da língua portuguesa, faz-se necessário o uso de matérias concreto. Segundo Pilati,

O material concreto promove a compreensão dos fenômenos gramaticais e a aprendizagem ativa, despertando a consciência acerca da estrutura sintática da língua e dos fenômenos gramaticais. Além disso, auxilia na identificação dos aspectos em que há dificuldade de compreensão (PILATI, 2017: 109).

Sendo assim, com o intuito de levar os alunos à percepção dos aspectos relevantes do funcionamento da estrutura da oração, para, conseqüentemente, a apreensão das noções de sujeito e de predicado, este trabalho propõe uma seqüência didática a partir das oficinas “Formando Orações” e “Compreender a estrutura da oração” proposta por PILATI (2017: 131-140). Esta seqüência destina-se aos alunos do Ensino Médio.

#### SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO APRENDIZADO LINGUISTICO ATIVO

| Atividade   | Explicação dos objetivos da atividade  |
|---|--|
| <b>1. Avaliação do conhecimento prévio dos alunos</b>   | <p>No primeiro momento da aula, é importante que se investiguem os conhecimentos prévios dos alunos acerca do fenômeno a ser estudado.</p> <p>Essa investigação é de suma importância pois serve para:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Identificar os conhecimentos prévios dos alunos;</li> <li>Verificar se há compreensões prévias inadequadas;</li> <li>Observar o ponto de partida sobre o tema a ser apresentado para que se possa medir o nível de aprendizado dos alunos ao final da atividade e para que os próprios alunos possam avaliar o ponto de onde partiram e onde chegarão ao final da aula</li> </ol> <p>Essa avaliação pode ser feita oralmente, por meio de anotações na lousa, ou por meio da aplicação de algum teste diagnóstico.</p> |
| <b>2. Experiência linguística</b>   | <p>O momento da “experiência linguística” está diretamente relacionado ao conhecimento factual. O professor deve selecionar conjuntos de dados relevantes, orações ou textos, em que os aspectos linguísticos a serem estudados estejam presentes e possam ser objeto de análise pelos alunos.</p>   |
| <b>3. Reflexões linguísticas</b>  | <p>Os alunos devem ser incentivados a refletir sobre os fenômenos linguísticos e a expor suas intuições sobre os aspectos linguísticos relacionados ao tema que está sendo investigado. Além disso o professor deve:</p>   |
| <b>4. Organização das ideias</b>  | <p>- levar seus alunos a entender os fatos e as ideias no contexto do arcabouço conceitual e organizar o conhecimento a fim de facilitar sua recuperação e aplicação.</p> <p>- apresentar uma quantidade suficiente de casos de estudo aprofundado para que os alunos compreendam efetivamente os conceitos e desenvolvam amplo conhecimento factual;</p> <p>- substituir a cobertura superficial de todos os tópicos por uma cobertura detalhada de uma quantidade menor de tópicos, para que se compreendam os principais conceitos.</p>   |
| <b>5. Apresentação das ideias de forma oral, escrita e concreta.</b>  | <p>Para que os conhecimentos linguísticos adquiridos sejam utilizados de forma consciente, os alunos devem ser incentivados a produzir textos e a expressar suas ideias nas formas oral e escrita e também por meio do uso de materiais concretos.</p>   |
| <b>6. Aplicação dos conhecimentos em textos.</b>  | <p>A revisão textual também pode ser usada como forma de aplicação dos conhecimentos aprendidos. O professor pode apresentar textos que contenham erros específicos, de acordo com a temática da aula, a fim de que os alunos percebam a aplicação dos temas estudados.</p>  |
| <p><b>SOBRE A METAGONICÃO:</b> Devemos incentivar os estudantes a usar a metacognição em todos os momentos da aula – ensinar os estudantes a aprender o controle da sua própria aprendizagem por meio da definição dos objetivos da aprendizagem e do monitoramento do seu progresso em alcançá-lo.</p> |  |

## 2.4. Proposta alternativa para abordar a formação da oração na educação básica

A sequência didática a seguir obedece às etapas propostas por Pilati (2017). A princípio busca-se abordar os constituintes da oração a partir do verbo para, por conseguinte, identificar a configuração deste fenômeno linguístico no texto literário. O objetivo é levar o aluno a compreender a importância da consciência dos processos formadores da oração para a compreensão de textos. Essa compreensão, mesmo que de forma intuitiva, é fundamental para a interpretação de textos de diferentes níveis, de teor meramente informativo ou de maior elaboração estético-reflexiva.

### Etapa 1

Nesta etapa, conforme Pilati (2017: 118), investigam-se os conhecimentos prévios dos alunos. O docente, portanto, deve fazer esse levantamento a partir de questões como *O que é sujeito? O que é predicado? o que é uma oração?* Em seguida expõe uma oração para que o aluno identifique o verbo como elemento central da oração. A proposta é fazer com que o aluno faça uso de seu conhecimento linguístico prévio, seu saber gramatical inconsciente, para identificar as características morfológicas e sintáticas do verbo mesmo que ele não saiba o seu significado, uma vez que as formas verbais apresentam marcas morfológicas que dão informações sobre flexões de tempo, modo, número e pessoa.

#### 1. Avaliação do conhecimento prévio do aluno.

Leia o texto a seguir.

*Joãozinho Bem-Bem se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa, e ele nesse ponto era bem-assistido, sabendo prever a viragem dos climas e conhecendo por instinto as grandes coisas. Mas Teófilo Sussuarana era bronco excessivamente bronco, e caminhou para cima de Nhô Augusto. Na sua voz:*

*- Epa! Nomopadrosfilhospritosantamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...*

*E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás, e Nhô Augusto gritando qual demônio preso e pulando como dez demônios soltos.*

(ROSA, 2001: 410)



a) Analise a oração abaixo.

*A casa matraqueou que nem panela de assar pipocas.*

b) Levando em consideração o contexto em que ocorre, o que significa matraquear?

c) A que classe de palavras a palavra *matraquear* pertence? Justifique sua resposta.

d) Faça uma oração com *matraquear*.

## **Etapa 2**

Nesta etapa, propõe-se um momento de “experiência linguística” em que se busca uma relação direta com o conhecimento factual. Para tanto, selecionou-se um poema de Camões para a análise da importância do verbo tanto para o conteúdo quanto para a organização estética.

1. Faça um comentário sobre a importância da forma verbal tanto para o conteúdo quanto para a organização estética do poema.

Amor é fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
é um andar solitário entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;

é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
 é servir a quem vence, o vencedor;  
 é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
 nos corações humanos amizade,  
 se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(TORRALVO, 2011: 47)

### Etapa 3

Esta etapa propõe uma “reflexão linguística” para que o aluno compreenda a organização estrutural da oração por meio de tabelas que serão preenchidas tomando por referência o papel central do verbo como núcleo da oração. O objetivo é promover a visualização desse caráter sistemático da oração.

1. Crie uma frase para cada um dos verbos a seguir. Depois identifique o número de argumentos que os verbos selecionaram nessas orações e o tipo desses argumentos (se nominais, preposicionais ou oracionais).

|  |        |  |
|--|--------|--|
|  | Comer  |  |
|  | fazer  |  |
|  | ler    |  |
|  | Gostar |  |
|  | Dar    |  |
|  | Viver  |  |
|  | Cantar |  |
|  | Chover |  |
|  | Crer   |  |
|  | ir     |  |

### Etapa 4

Nesta etapa, os alunos são levados à conscientização das descobertas feitas a respeito da organização estrutural da oração. Essa “organização das ideias” se dará por meio do preenchimento de uma tabela em que aparece a nomenclatura dos constituintes da oração.

1. Identifique os elementos básicos que compõem as orações abaixo e preencha a tabela abaixo com os termos que compõem a oração.

1. *O homem*

*É o único animal que joga no bicho.*

(MENDES, 1995: 187)

2. *Os moleques dormiam nas redes fedorentas; o quarto todo cheirava a mictório.*

(REGO: 2012: 77)

3. *A palavra garça em meu perceber é bela.*

(BARROS, 2013: 406).

4. *Podemos pensar como o homem.*

(ROSA, 2001, 333)

5. *Vivo sempre no presente.*

(PESSOA, 2006:129)

6. *A viola foi durante os dois primeiros séculos de colonização o principal instrumento acompanhador do canto.*

(VILELA, 2013, p. 41)

7. *O nacionalismo romântico se expressou em regiões relativamente pequenas e bastante homogêneas do ponto de vista linguística e cultural.*

(SCHWARCZ & STARLING, 2015: 284)

8. *A terminação “inho” serve para nos familiarizar mais com as pessoas.*

(HOLANDA, 1995: 148.)

| S | V ou VL | O ou OS | ADJ. ADVERBIAL |
|---|---------|---------|----------------|
|   | é       |         |                |
|   | Dormiam |         |                |

|  |              |  |  |
|--|--------------|--|--|
|  | Cheiravam    |  |  |
|  | É            |  |  |
|  | podemos      |  |  |
|  | Vivo         |  |  |
|  | Foi          |  |  |
|  | se expressou |  |  |
|  | Serve        |  |  |

### Etapa 5

Esta etapa destina-se à “apresentação das ideias”, ou seja, incentiva-se o aluno a produzir um texto como um meio de expressar o conhecimento adquirido, visando a utilização do conhecimento de forma crítica e consciente.

1. De acordo com o Dicionário Houaiss eletrônico, a definição de *verbo* é: “classe de palavras que, do ponto de vista semântico, contém as noções de ação, processo ou estado, e, do ponto de vista sintático, exerce função de núcleo do predicado das sentenças”.

- a) Você concorda com a definição apresentada acima?
- b) Sob o ponto de vista sintático e morfológico, o que podemos dizer sobre o comportamento dos verbos na oração?
- c) Sob o ponto de vista sintático, explique o que significa dizer que os verbos exercem a função de núcleo das sentenças.

### Etapa 6

Nesta última etapa, que tem por objetivo a “aplicação dos conhecimentos em textos”, aos alunos são induzidos à leitura de um texto para analisar a ocorrência do verbo como núcleo da oração. A partir dessa leitura, propõe-se a seleção de alguns verbos para que se possa pensar a presença do sujeito e do predicado, bem como a de outros argumentos. A intenção é proporcionar situações reais de uso para que se construa um conhecimento efetivo do fenômeno linguístico estudado. Em seguida, propõe a elaboração de um texto e, por conseguinte, uma revisão textual a partir da ocorrência do verbo. Nesse estágio, pode-se abranger questões de concordância e regência.

1. Como visto acima, os verbos compõem uma classe de palavras que apresentam propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas próprias. Com base nessas informações, leia o texto de Leonardo Boff e responda ao que se pede.

*Ethos – ética, em grego, designa a morada humana. O ser humano **separa** uma parte do mundo para, moldando-a ao seu jeito, construir um abrigo protetor e permanente. A ética, como morada humana, não é algo pronto e construído de uma só vez. O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si.*

*Ético **significa**, portanto, tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente para que seja uma moradia saudável: materialmente sustentável, psicologicamente integrada e espiritualmente fecunda.*

*Na ética **há** o permanente e o imutável. O permanente é a necessidade do ser humano de ter uma moradia: uma maloca indígena, uma casa no campo e um apartamento na cidade. Todos estão envolvidos com a ética, porque todos buscam uma moradia permanente.*

*O mutável é o estilo com que cada grupo constrói sua morada. É sempre diferente: rústico, colonial, moderno, de palha, de pedra... Embora diferente e mutável, o estilo está a serviço do permanente: a necessidade de ter casa. A casa, nos seus mais diferentes estilos, **deverá** ser habitável.*

*Quando o permanente e o mutável se **casam**, surge uma ética verdadeiramente humana.*

*Moral, do latim mos, mores, designa os costumes e as tradições. Quando um modo de se organizar a casa é considerado bom a ponto de ser uma referência coletiva e ser reproduzido constantemente, surge então uma tradição e um estilo arquitetônico. Assistimos, ao nível dos comportamentos humanos, ao nascimento da moral.*

*Nesse sentido, moral está ligada a costumes e a tradições específicas de cada povo, vinculada a um sistema de valores, próprio de cada cultura e de cada caminho espiritual.*



|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  |  |
|--|--|--|--|

2. Produza um pequeno texto (10 a 20 linhas) sobre o seguinte tema: ***O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si?*** Em seguida, selecione os verbos do seu texto e indique, caso houver, os termos que, respectivamente, funcionam como sujeito de cada verbo. (Observe se o verbo selecionado concorda com o seu sujeito)

Cabe observar que, as etapas propostas acima não são fechadas em si mesmas. Elas devem-se ajustar à condição real de cada turma. O fundamental é, para que ocorra a aprendizagem linguística ativa, conforme preconiza PILATI (2017), é que os estudantes sejam incentivados “a usar a metacognição em todos os momentos da aula, ou seja, ensinar os estudantes a aprender o controle da sua própria aprendizagem por meio da definição de objetivos da aprendizagem e do monitoramento de seu progresso em alcança-lo” (2017: 119).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino fragmentado e isolado da gramática tradicional revelou-se alvo de críticas nas últimas décadas, uma vez que não se mostrou capaz de proporcionar uma aprendizagem ativa que permitisse ao aluno o uso consciente dos saberes adquiridos. A abordagem da gramática por meio de exposição de regras a fim de constituir a mera memorização faz-se insatisfatório, porquanto não corresponde à vivência real do falante.

Não obstante, a gramática, como manifestação de uma tradição cultural e científica, tem em seu estudo o ponto de partida para a construção de processos emancipatórios. Paradoxalmente, o cerne da questão põe-se na possibilidade de intersecção entre o saber prévio do aluno, visto como um ser que possui em si a faculdade de linguagem, além de ser enraizado, de pertença e identidade cultural, e a formação cultural que se determina pela participação de um mundo que exige para si a compreensão de códigos simbólicos como elemento fundamental para a inserção do sujeito na história. O homem e a cultura se medeiam pela linguagem, como apontou Hegel, de modo que o ensino da norma culta se manifesta como um dos elementos que se jogam na luta pelo reconhecimento.

Isso é previsto pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2007), que credita à contextualização do ensino de gramática uma das formas elementares para a construção de pontes entre a pertença linguística do aluno e a sua própria condição de cidadão, uma vez que o domínio da língua permite sua participação social efetiva. No entanto, o peso da tradição do ensino de gramática se põe aos ombros do professor de tal forma que produz barreiras entre a perspectiva normativa, aceito como algo ideal, e as peculiaridades linguísticas do educando, o que faz do professor um Sísifo, que nunca consegue levar definitivamente a pedra ao topo da montanha.

Este trabalho, ao abordar as noções de sujeito e de predicado propostas pela gramática tradicional diante da perspectiva da Teoria Gerativista, pretende reforçar a “revolução copernicana” que a Aprendizagem Linguística Ativa propõe. Ao colocar os conhecimentos prévios do aluno no processo de ensino da oração, toda proposta crítica de ensino da língua só será efetiva se a língua for concebida como algo que está em nós e não como uma natureza que deve ser apreendida de fora para dentro. A língua está em nós, participamos dela. Compreender seus fenômenos e mecanismos de formação requer um olhar crítico que só será possível na e pela vivência linguística real do falante, pois a língua deve ser vista como “um



sistema de signos histórico social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade” (2007: 22).

A proposta para o ensino do sujeito e do predicado deste trabalho, portanto, prevê um uso mínimo da nomenclatura da gramática tradicional tomando por base de apresentação a constituição estrutural da oração a partir de materiais concretos e discursos próprios da realidade do aluno. A intenção é evitar a confusão dos critérios funcional e semântico que persistem da gramática tradicional, como se constatou nos compêndios aqui analisados. Essa indistinção, salvo pequenas dissonâncias, ressoa no livro didático, o que permite concluir que o ensino de sujeito e de predicado ainda resvala na mera abordagem prescritiva e descontextualizada.

Com efeito, a solução do método ativo faz-se necessária, uma vez que visa abordar a oração através de sua estrutura levando em consideração o protagonismo do verbo como elemento central na formação da sentença e, conseqüentemente, para entendimentos do sujeito e do predicado. Para tanto, propôs-se, em vez de prescrições e conceituações abstratas, conforme Pilati (2017), a abordagem da estrutura da sentença por meio de materiais concretos para que o aluno identifique os mecanismos pelos quais a oração se constitui e permita-lhe o conhecimento consciente desse fenômeno linguístico.

Num mundo em que se espera da escola, sobretudo em seu ensino da língua, a capacidade de promover a construção do saber a partir da realidade vivida do educando, para que este possa ser concebido como sujeito cognoscente e, assim, aberto a possibilidades de emancipação, o ensino de gramática tradicional, ao permanecer em definições e exemplificações descontextualizadas, torna-se anacrônico.

Destarte, reconfigurar as aulas de português por meio da experiência linguística do aluno é fundamental para promovê-lo como agente capaz de se apropriar de ser tempo e de sua cultura. Como certa vez disse Benveniste, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ego” (2005: 286). Não seria o papel do professor, assim como a atitude poética pretendida por Drummond (2014: 142), ao convidar o aluno a penetrar no reino das palavras, começar por realizar a simples pergunta, “trouxeste a chave?”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45ª edição. – São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia* (vol. 1). 8ª edição – Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BARROS, M. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*: tradução de Maria Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, RJ: Vozes, ed. 38ª, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger Publishers, 1986.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad. Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DUARTE, M. E. *Termos da oração*, in VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. – São Paulo: Contexto, 2007.

FABEL, Charles & BIALIK, Maya & TRILLING, Bernie. *Educação em quatro dimensões*. Trad. Instituto Península e Instituto Ayrton Senna. – São Paulo:

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MENDES, M. *História do Brasil*. In: *Poesia Completa & Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

PILATI, Eloisa. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2ª edição, 2017.

PORTUGUESA(vol. 1), Coleção de Língua. Livro didático de Linguagens, códigos e suas tecnologias do Sistema Objetivo de Ensino. – São Paulo: (s/ed), s/d.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 103ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2001.

SCHWARCZ, L. M, & STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TORRALVO, Izeti Fragata. *Sonetos de Camões: sonetos, redondilhas e gêneros menores: seleção, apresentação e notas Izeti Fragata Torralvo e Carlos Cortez Minchillo; Ilustrações Hélio Cabral*. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

VILELA, Ivan. *Cantando a própria História: Música Caipira e Enraizamento*. São Paulo: Edusp, 2013.